

A Igreja na América Hispânica na Virada do Século XIX segundo os Relatos de Viagem de Alexander von Humboldt*

Johannes Meier

Em 12 de outubro de 1992 se comemoraram os 500 anos do “descobrimento” da quarta parte da terra, a América, até 1492 desconhecida do Velho Mundo. Este evento proporcionou à ciência histórica, especialmente também à história da Igreja¹, um número incontável de novas edições de fontes, monografias, coletâneas e publicações populares. No âmbito da língua alemã se constata, entre outros destaques, um recente interesse pela figura de Alexander von Humboldt²; de acordo com um apreciado *topos*, ele é considerado o “segundo descobridor” da América, quase que ocupando entre os alemães o lugar que, entre os italianos e espanhóis, é assumido por Cristóvão Colombo³.

A fama de Humboldt baseia-se em sua viagem de pesquisa pela América, cuja preparação ele iniciou cerca de três séculos após a primeira travessia de Colombo. Dois meses antes do seu 30º aniversário, em 16 de julho de 1799, Alexander von Humboldt pisou solo não-europeu em Cumaná, no leste da Venezuela. Em sua companhia encontrava-se Aimé Bonpland, quatro anos mais jovem, um médico e botânico com o qual Humboldt havia tomado em outubro de 1798 a diligência postal de Paris para Marselha, de onde — passando por Barcelona e Valência — chegaram a pé até Madri, tendo finalmente recebido o almejado passaporte para a América hispânica.

Sua viagem durou cinco anos. Ela conduziu-os pela Venezuela (16.7.1799-24.11.1800), Cuba (19.12.1800-8.3.1801), Nova Granada, depois Quito e Peru (30.3.1801-5.12.1802), México (23.3.1803-7.3.1804), novamente Cuba (17.3.1804-29.4.1804) e Estados Unidos (19.5.1804-9.7.1804). Em 3 de agosto de 1804 Humboldt e Bonpland chegaram novamente ao Velho Mundo, no porto de Bordeaux. Durante os três decênios seguintes Humboldt publicou, por várias editoras de Paris, em 34 volumes em língua francesa os resultados científicos de sua “viagem às regiões equinociais do Novo Continente”⁴.

Desde o início era também seu objetivo fazer uma descrição narrativa de sua viagem à América. Este relato, contudo, ele conseguiu completar unicamente em relação ao primeiro terço da viagem, à visita à Venezuela e a Cuba⁵. Este fato deprimia-o ainda em idade avançada: a “conclusão é uma questão de consciência, (...) a mais importante questão vital literária que me resta!”⁶. Ele não mais logrou

levá-la a termo. Apesar disto, foram conservados seus diários de viagem escritos à mão, nove ao todo. Originalmente legados ao Observatório de Berlim, constituem-se, desde 1958, em patrimônio da Biblioteca Estatal Alemã de Berlim. Nas décadas de 60 e 70 eles foram transcritos por Gisela Lülfiing (1921-1976) por incumbência do Centro de Pesquisas Alexander von Humboldt da Academia de Ciências da República Democrática Alemã — um trabalho abnegado, com mais de 4.000 laudas batidas à máquina. Neste fundamento baseiam-se os textos selecionados editados por Margot Faak⁷. Paul Kanut Schäfer editou uma obra, baseada no mesmo fundamento e com tradução própria dos textos em francês dos diários de viagem, que contém o relato de viagem incompleto e trechos selecionados de sua continuação no diário, tornando assim possível que a viagem de Humboldt do princípio do século passado possa hoje, no último decênio do século XX, ser lida pela primeira vez mais ou menos como um todo⁸.

O círculo de leitores de Humboldt já foi sempre formado por geógrafos, cartógrafos, geólogos, mineralogistas, meteorólogos, botânicos, zoólogos e membros de outros ramos das ciências naturais. O relato de viagem e os diários de viagem, no entanto, oferecem também ao historiador uma surpreendente abundância de informações⁹. Isto diz respeito também aos historiadores da Igreja, já que podem encontrar diversas informações sobre a Igreja hispano-americana na forma como esta se apresentou ao jovem cientista prussiano em aproximadamente 1800. Neste tocante as anotações de Humboldt evidenciam claramente quatro áreas temáticas, a saber, a aparência exterior dos locais eclesiásticos, encontros com o clero, impressões da religiosidade popular e experiências feitas nas missões indígenas. A estruturação das colocações que se seguem corresponde a estas áreas temáticas.

1. A Aparência Exterior dos Locais Eclesiásticos

Alexander von Humboldt parece ter se impressionado repetidamente com a significativa quantidade de construções sacras e religiosas na arquitetura colonial da América hispânica. Isto se evidencia em sua descrição de quase todas as cidades que chegou a conhecer, começando por Cumaná, onde iniciou sua viagem¹⁰, e passando por Caracas¹¹, Quito¹² e Cajamarca¹³, até a cidade do México, para selecionar unicamente alguns exemplos.

Talvez não exista em toda a Europa uma cidade que — no cômputo geral — seja mais linda do que a cidade do México. Ela possui a elegância, a regularidade e a exatidão das excelentes construções de Turim e Milão e dos melhores bairros de Berlim e Paris. Todas as ruas são muito largas e traçadas como que com uma fita, ou do leste para o oeste, ou do norte para o sul (...) A praça é rodeada pela catedral, arquitetonicamente bela e com duas torres adornadas de estátuas, pelo palácio do vice-rei, que também em Londres ou Paris passaria, se não por um palácio, no

mínimo por uma casa elegante, e, no terceiro lado, por casas com amplas arcadas no andar térreo, um pouco semelhantes ao *Palais Royal* em Paris (...) O castelo sobre a cidade do México, os dois aquedutos de água doce sobre seus arcos de ponte, o lago de Texcoco, o mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, situado nas encostas das altas montanhas de pórfiro, os vulcões cobertos de neve eterna e os pomares de San Agustín de las Cuevas, San Angel e Tacubaya, as incontáveis casas e igrejas espalhadas por campos bem cultivados, as largas e bonitas alamedas que de todos os lados se dirigem para os portões da capital — que quadro diversificado e cativante!¹⁴

Também em suas descrições de pequenas cidades do interior, Humboldt costuma ressaltar o caráter das igrejas e mosteiros que determina o panorama: “Em 25 de abril [de 1801] chegamos a Mompós, permanecendo ali até 5 de maio (...) Mompós é uma cidade bem construída, com aproximadamente 14.000 habitantes (...) Casas baixas em seu estilo arquitetônico, à semelhança de Cumaná, becos regulares, bonitas praças quadradas, muitas igrejas, três mosteiros, entre os quais um que assiste doentes, de grande utilidade.”¹⁵ Humboldt mostra-se bem informado sobre a participação das ordens religiosas nas construções históricas das cidades da América; sobre Turmero, na Venezuela, anota: “Pelo estilo arquitetônico regular dos povoados percebe-se que todos devem sua origem aos monges e às missões. As ruas são retas, paralelas entre si e se cruzam em ângulos retos; na grande praça quadrada ao centro encontra-se a igreja. Trata-se de uma construção preciosa, mas sobrecarregada de adornos arquitetônicos.”¹⁶

Humboldt também descreveu eremitérios¹⁷, cruzeiros ao longo dos caminhos¹⁸ e locais de peregrinação, como o de Nuestra Señora de la Popa, em Trinidad de Cuba¹⁹, ou, por exemplo, aquele de Guápulo, no Equador:

Guápulo, onde o número de índios residentes mal chega a 200, é famoso por uma imagem milagrosa da Virgem Maria e pela linda igreja, que se eleva em meio aos barracos. Trata-se, em sua nobre simplicidade, de um verdadeiro monumento arquitetônico, com uma fachada de colunas dóricas e cúpula majestosa. Ela ficaria bem em qualquer grande cidade européia e comprova que tipo de construções se julgava capaz de edificar nos tempos da conquista. No espaço reservado ao altar encontram-se muitos adornos dignos de admiração, de corais vermelhos, madrepérola e rubis. Os castiçais são de prata maciça e extremamente pesados; uma casula, de tecido de prata e bordada com palha, brilhante como ouro, representa um trabalho manual altamente notável de uma rainha da Espanha. O telhado é composto de tijolos vidrados, de excelente resistência à chuva.

Após algumas observações sobre a localização desta igreja, ele prossegue: “A virgem de Guápulo é a única à qual se prestam honrarias devidas a um capitão general mediante uma salva de tiros de canhão. Sua imagem é seguidamente levada para Quito, onde então permanece de quatro a cinco dias. Todas as demais virgens não ultrapassam o nível de sargento.”²⁰

Tais fenômenos do catolicismo ibero-americano, que certamente deveriam parecer esquisitos ao esclarecido homem de Berlim, são apresentados, em sua

maioria, de forma sóbria e correta²¹. Mais um exemplo é a maneira como Humboldt se expressa sobre a prisão da cidade do México: “Uma bela construção. As celas são claras, bem arejadas e relativamente limpas. Cada uma delas tem o nome de um santo.”²²

2. Encontros com o Clero

Tínhamos, além dos passaportes do capitão general da província, recomendações dos bispos e do guardião das missões no Orinoco. Todas as dificuldades de uma longa viagem por terra — do litoral da Nova Califórnia até Valdívia e a foz do Rio da Prata, num trajeto de 9.000 km — podem ser superadas, desde que se desfrute da proteção do clero americano. O poder que essa agremiação exerce dentro do Estado tem um fundamento demasiado sólido para poder ser abalado num futuro próximo ao estabelecer-se uma nova ordem das coisas.²³

Durante os seus cinco anos de viagem, Alexander von Humboldt recorreu repetidamente à infra-estrutura eclesíástica. Nestas ocasiões chegou a conhecer vários dos 41 bispos da América hispânica da época. Suas impressões não representam uma avaliação negativa da política de pessoal da coroa espanhola, que nas colônias exercia em toda parte o direito de padroado:

A pessoa mais agradável em Popayán é o bispo²⁷, simples, de bom humor e de ótima integração na vida social, um excelente bispo. Ele visitou os menores recantos do seu bispado correndo real perigo de vida e passando por caminhos que, no passado, quase nunca haviam sido trilhados, expondo-se aos maiores sacrifícios durante três anos. Ele não sabe o que é dinheiro, vive de forma muito simples, sendo que nenhum de seus parentes consegue extorquir-lhe algo; o que rende a mitra pertence aos pobres, e ele não encerra o ano sem que primeiramente tudo tenha sido distribuído.²⁵

Em Cuenca Humboldt chegou a conhecer Dom Francisco Xavier Fita y Carrión²⁶, “um amável prelado”, que “agora está pensando em construir uma catedral e um seminário para o seu bispado ainda recente”²⁷. Com o bispo de Trujillo, Dom José Carrión y Marfil (1798-1825)²⁸, o pensador universal prussiano dialogou acerca do sistema colonial e “das causas da imoralidade nas colônias”; o “esclarecido” Humboldt disse-lhe “em tom bem decidido: ‘É tão difícil para um europeu permanecer uma pessoa decente nestas regiões onde a impunidade impera até mesmo entre o clero, que peço diariamente a Deus que não me deixe morrer aqui, pois seguramente eu estaria condenado’.”²⁹ No México duas pessoas impressionaram o já aposentado conselheiro da administração superior das minas: Dom Primo Feliciano Marín³⁰, o bispo de Linares, “que desde minha chegada me cumulou de bondade” e lhe possibilitou observar uma estátua colossal do México antigo³¹; e o pastor primaz de Michoacán, Dom Antonio de San Miguel³², que havia mandado melhorar a higiene de sua cidade através de uma nova canalização de água potável³³. Também entre o clero maior Humboldt encontrou interlocutores

muito cultos. Assim, conheceu na cidade do México o cônego Juan José Gamboa, que saciou sua sede de saber em relação aos achados arqueológicos astecas na Plaza Mayor³⁴, e, em Michoacán, o futuro vigário geral Manuel Abad y Queipo, que “ali mesmo realizou várias medições barométricas de grande precisão” e estimava “a altitude do vulcão de Colima [que o interessava] em 2.800 m acima do nível do mar”³⁵.

O jovem cientista berlinense sentia-se atraído por clérigos intelectualmente abertos. Depois de uma arriscada viagem sobre o rio Magdalena e de uma entrada em Bogotá com uma carruagem puxada por seis cavalos e providenciada pelo vice-rei, ele e Bonpland encontravam-se a 6 de julho de 1801 frente a frente com o septuagenário Dom José Celestino Mutis, dirigente da “Expedición Botánica de Nueva Granada”, “uma figura venerável e espirituosa em sotaina sacerdotal”³⁶. “Ele nos abraçou com muita cordialidade, sorriu quando me viu desembarcando com o barômetro e percebeu que eu não queria confiar o instrumento a ninguém. Neste primeiro encontro, Mutis foi quase que embaraçosamente modesto”³⁷. Humboldt explica os méritos do seu hospedeiro da seguinte forma:

Ele foi (...) o primeiro que, num programa de preleções em 1763 em Bogotá, ousou comprovar a superioridade da filosofia newtoniana em relação à peripatética e passou a ensinar (...) publicamente a primeira. Os dominicanos, que se orientam pelos escritos de Tomás de Aquino, pretendiam declará-lo herege e denunciá-lo à Inquisição, mas não lograram êxito. Em Bogotá perguntou-se, na época, quem seria esse Newton — e, agora, em 1801, eu próprio cheguei a ver no monastério franciscano uma edição completa de suas obras. Assim se transformam os costumes. A partir daquela época via-se na casa de Mutis, em Santa Fe, escritos de Sigaud de la Fond³⁸, Wallerius³⁹, Bergman⁴⁰, Ingenhousz⁴¹, o diário de Rozier⁴², termômetros, barômetros, sendo que diariamente aumentava o gosto pelos conhecimentos de Física entre os jovens. O arcebispo Góngora⁴³ disse em seu relatório ao rei que seria de maior utilidade medir montanhas do que defender absurdos peripatéticos sobre o *ens* e a *qualitas*.⁴⁴

Humboldt e Bonpland ficaram mais de dois meses hospedados na casa de Mutis, intercambiando vários resultados de pesquisa; então veio a despedida: “O idoso homem nos havia cumulado de bondade e benefícios, deu-nos provisão em comida que mesmo três robustas mulas de carga tinham dificuldade em carregar. Além disso, presenteou-nos com uma grande quantidade de amostras secas de sua flora de Bogotá e com mais de 60 magníficas gravuras coloridas feitas por seus melhores pintores.”⁴⁵ Posteriormente, em suas obras botânicas publicadas, Humboldt destacou a importância de Mutis, descrevendo plantas que receberam o nome dele; em 1808 dedicou a primeira obra botânica que tinha redigido com Bonpland — *Plantas Equinoxiales* — à memória do cônego de Santa Fé de Bogotá, juntando a essa obra também, como sinal de reconhecimento e admiração, um retrato do velho erudito⁴⁶. Em 1821 publicou então sobre ele um artigo biográfico⁴⁷.

Humboldt ficou também muito impressionado com o oratoriano Pe. José

Antonio Pichardo no México⁴⁸, discípulo do arqueólogo Antonio de León y Gama, na época já falecido, que havia descoberto a pedra com o calendário dos astecas⁴⁹; qualifica-o de “o mais erudito homem na área da antiguidade mexicana”⁵⁰, agradecendo-lhe pelas percepções e esclarecimentos sobre os hieróglifos e crônicas pré-hispânicas do país⁵¹. É interessante que Humboldt espera sobretudo da Igreja progressos na cartografia da América hispânica: “São só os bispos e os monjes das missões que, de tempos em tempos, têm o desejo de se orientar geograficamente. Eles são os únicos que viajam; os vice-reis nunca vêm mais do que o caminho de Cartagena (...) a (...) Bogotá, (...) de Callao a Lima, de Veracruz ao México (...)”⁵², ou seja, dos portos até as cidades em que residiam. O sistema de levantamentos topográficos não estaria em boas mãos dentro do exército: “Tendo-se um monje missionário qualquer como companheiro de viagem se trabalha com muito maior segurança do que com escolta militar, a qual só intranqüiliza os índios e lhes causa uma falta aflitiva de mantimentos.”⁵³

Humboldt encontrou também entre o clero paroquial alguns clérigos com interesse pelas ciências naturais, como, por exemplo, o pároco de Actopan, no México, Dom Manuel Lino Guerra, com o qual ficou se correspondendo sobre medições geológicas e astronômicas⁵⁴, ou o “esperto” clérigo de Turbaco, que lhe explicou as fontes termais do local⁵⁵. No mais, louvou várias vezes a hospitalidade e xenofilia dos sacerdotes⁵⁶, mesmo que também não tenha deixado de fazer as suas críticas⁵⁷; incomodaram-no as brigas entre os curas da província de Pasto⁵⁸, a vaidade⁵⁹ e falta de pontualidade⁶⁰; chamaram-lhe a atenção, sobretudo no planalto andino, delitos sexuais de párocos de vilarejos⁶¹. Sua pior experiência, contudo, parece ter sido quando, em Trinidad de Cuba, “o vice-governador [ofereceu] uma grande festa com comida indigesta, com franceses ainda mais indigestos emigrados de Santo Domingo [= Haiti] e com versos horrorosos que um obeso *Doctor theologiae*, vestido de veludo a despeito do calor horrível que fazia, declamou em louvor a mim com desagradável lentidão.”⁶²

Chama a atenção que Humboldt só se refere uma vez, em Riobamba, a um contato com mulheres pertencentes a ordens religiosas. Ali havia se difundido o boato de que ele teria dito que a cidade, situada ao pé do Chimborazo, que só há poucos anos havia sido reedificada em novo local após um terremoto, haveria de voar um dia pelos ares da mesma forma como sua antecessora. “Isto fez com que as pobres freiras (...) ficassem consternadas. Elas me pediram uma explicação, e tive dificuldade de para libertá-las de seus temores infundados.”⁶³

3. A Religiosidade Popular

O calendário e a rota da viagem fizeram com que Alexander von Humboldt pudesse presenciar várias festas de Igreja, tendo se tomado testemunha ocular da religiosidade popular da América hispânica. Em Cartagena de Indias assistiu às

“maravilhosas” procissões da Semana Santa do ano de 1801. O prussiano protestante, contudo, que várias vezes havia qualificado as esculturas de Cristo, de Maria e dos santos existentes nas igrejas como “ídolos com verniz cristão”⁶⁴, teve dificuldades com o catolicismo tropical do Caribe:

Que abusos pratica nessas procissões a população dos mulatos, mestiços e zambos! Um soldado subiu no andaime com os apóstolos para acender uma luz. Os carregadores não o notaram, deu-se o sinal e o soldado acabou sendo conduzido juntamente com os apóstolos. O soldado roubou [coisas] da mesa, foi coberto de flores jogadas dos balcões, as quais recebeu de joelhos. Que incontável quantidade de *plumaria alba* e *plumaria rubra* se espalha nesses dias festivos! Cada casa gasta diariamente um grande cesto repleto delas.⁶⁵

Humboldt estranhou mais ainda aquilo que presenciou nove meses mais tarde na festa de San Francisco Xavier no vilarejo planaltino de La Ascensión. Antes de principiar a missa, um jovem padre, com jeito de adolescente, recebeu na porta da igreja três índios enfeitados festivamente; eles entraram, agitaram seus bastões de cacique diante do sacerdote e

dançaram uma espécie de balé diante do altar ao ritmo de um tambor e um apito, instrumentos que um índio tocava simultaneamente. O movimento dos pés era muito simples, pisava-se segundo o ritmo, a fim de que soassem os chocalhos (nas barrigas das pernas), o que causava um barulho quase semelhante ao de um bolero com castanholas. O movimento das mãos, o agitar dos bastões e o correr das pessoas umas entre as outras eram mais complexos, e tudo isso era feito com infinita solenidade e fisionomia pretensiosa. Com o princípio da missa findou a dança, mas, qual não foi nossa surpresa quando na hora da Santa Ceia, havendo o sacerdote acabado de elevar o cálice e a hóstia, ressoou novamente a música indígena. Os homens mascarados dançaram bacanticamente ao redor do sacerdote por mais de 15 minutos — uma dança bem no mais sério momento do sacrifício cruento cristão.⁶⁶

A festa dedicada a São Tiago em Tlatelolco, o subúrbio indígena do México, chegou até a causar no erudito alemão uma impressão “repugnante” e “ridícula”. “A única coisa cativante nela são a quantidade de povo simples e seu desenfreamento.”⁶⁷ Humboldt pronunciou um juízo mais justo só quando, anos depois, retornou ao tema em sua obra *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*: “Os índios, que simpatizam com tudo que faz parte de certa ordem de cerimônias prescritas, encontram um deleite todo especial no culto cristão, e as festas de Igreja, os fogos de artifício a elas ligados, as procissões com danças e vestimentas barrocas representam ricas fontes de divertimento para o povo simples.”⁶⁸

Por mais que Humboldt também tenha defendido a causa da “infeliz classe” dos indígenas e se esforçado em reconhecer sua autonomia, manteve distância frente à índole e aos costumes indígenas⁶⁹. Muito do que ficou sabendo a este respeito ele deveu aos missionários⁷⁰, dos quais não poucos procuravam introduzir o cristianismo de uma maneira que viesse ao encontro da cultura indígena e

preservasse a identidade deles⁷¹. O padre Eugénio Cereso, da estação missionária de San Antonio de Javitá na floresta tropical do rio Tuamini, explicou a Humboldt: “Essa boa gente (...) só gosta de procissões ao ar livre. Recentemente, na festa do patrono de minha vila, Sto. Antônio, os índios de Inirida assistiram à missa, ocasião em que me disseram: ‘Vosso Deus se tranca numa casa, como se estivesse velho e adoentado; nosso Deus está na floresta, nos campos, nas montanhas de Sipapu, de onde vem a chuva.’”⁷²

4. Experiências nas Missões Indígenas

O primeiro ano de viagem, 1799/1800, conduziu Alexander von Humboldt à Venezuela. Este país da América hispânica já cedo esteve ligado à história da Alemanha através do governo de escassos 30 anos da companhia comercial Welser (1528-1556), de Augsburgo⁷³. Na realidade o engajamento dos Welser acarretou uma colonização tardia da Venezuela; esta ocorreu numa época em que a legitimidade de uma conquista violenta já havia sido posta em dúvida há muito tempo por Bartolomeu de Las Casas e pela escola dominicana de Salamanca. Desta forma se explica que na Venezuela, à semelhança do que ocorreu nas Filipinas, Califórnia, Paraguai e em outras regiões periféricas da América hispânica, coube às ordens religiosas o mais importante papel na exploração do país. Em 1652 Filipe IV declarou que a coroa desistia de qualquer operação militar, dividindo o território ao longo do 64º grau de longitude da seguinte forma: a leste do mesmo os capuchinhos receberam as missões de Cumaná ou Nova Andaluzia e a oeste os observantes franciscanos receberam as missões de Píritu ou Nova Barcelona (estas regiões faziam parte do bispado de Porto Rico). O interior da província de Caracas — para onde havia sido transferida em 1638 a sede do bispado, outrora estabelecida em Coro, a capital dos Welser — coube aos capuchinhos, sobretudo a região de estepe dos *llanos*. No curso superior do Orinoco, a partir da desembocadura do rio Apure, os jesuítas fundaram estações missionárias a partir de 1736; quando, já três decênios mais tarde, eles tiveram que abandonar a América hispânica, as missões ficaram órfãs durante quase 20 anos, até que em 1785 chegaram os observantes franciscanos como seus sucessores⁷⁴.

Humboldt conheceu todas as regiões de missão da Venezuela. Inicialmente, num giro que partiu de Cumaná, visitou seis colônias missionárias dos capuchinhos aragoneses e catalães entre os indígenas Chaima⁷⁵; mais tarde se dirigiu ainda a pelo menos três outras missões capuchinhas junto ao Orinoco, saindo da região central da Venezuela em torno de Caracas e Valência e atravessando os *llanos*⁷⁶. Sua viagem pelo Orinoco ou pelos seus afluentes e nascentes levou-o então a no mínimo 19 colônias missionárias dos observantes franciscanos⁷⁷; parte destas ainda provinha do tempo dos jesuítas, sendo a outra de data mais recente. Finalmente, no trajeto de retorno do Orinoco até a Costa da Pérola Humboldt ainda chegou a

conhecer as missões dos observantes entre os caraíbas (pelo menos três estações)⁷⁸. Desta maneira ele pôde reunir uma profusão de impressões. Nesta etapa de sua viagem, durante vários meses os únicos brancos que encontrou eram missionários.

Humboldt foi objeto de uma acolhida particularmente hospitaleira entre os capuchinhos da Nova Andaluzia⁷⁹. O superior, “um homem empreendedor e esclarecido”⁸⁰, o missionário vivaz e cheio de humor de San Fernando⁸¹, o velho padre de Guanaguana, “que (...) tratava seus índios com muita compreensão”⁸², todos eles gozaram da simpatia de Humboldt. Nas hortas bem conservadas cultivavam-se café⁸³ e algodão⁸⁴; o viajante recém chegado da Europa lembrava-se dos povoados dos irmãos moravos, da comunidade dos irmãos de Herrnhut⁸⁵. Em termos de crítica ele anotou que os capuchinhos pouco se esforçavam em aprender a língua dos Chaima⁸⁶, embora resuma, em tom de reconhecimento, dizendo que eles teriam “colocado, num espaço de mais de 120.000 milhas quadradas (...), sem dinheiro e forças físicas, mas com vontade hercúlea e zelo cristão primitivo e perseverante, o fundamento de ligações sociáveis entre muitos milhares de indígenas. Eles levaram as pessoas a morar juntas, ensinaram-lhes a construir moradias mais sólidas e cômodas, a preparar tecidos para vestimentas e a cultivar plantas de grande utilidade.”⁸⁷

Humboldt também avalia de forma inteiramente positiva as missões dos observantes junto ao “povo audaz, orgulhoso e belo dos caraíbas”⁸⁸, vizinhas a oeste. Ele estima em mais de 35 mil o total de habitantes das populosas aldeias missionárias deste espaço, sublinhando a participação dos padres na sobrevivência de uma raça que tinha sido objeto da ira especial dos conquistadores em razão do seu suposto canibalismo — uma acusação desmentida por todos os missionários indagados a esse respeito por Humboldt⁸⁹. Muitas obras geográficas da época já haviam declarado os caraíbas como extintos.

O quadro que Humboldt traça das missões junto ao curso superior do Orinoco é claramente menos favorável. Também aqui ele é sempre objeto da maior hospitalidade possível⁹⁰ e de toda solícitude a fim de que consiga alcançar o verdadeiro objetivo de sua viagem: comprovar a ligação existente entre os dois sistemas fluviais do Orinoco e do Amazonas através do Casiquiare, ligação esta ainda colocada em dúvida na Europa, mas da qual, como Humboldt observa com sinceridade, “ninguém mais duvidava já há meio século nestas missões”⁹¹. Mas isto não faz com que ele deixe de se dar conta do estado problemático em que se encontram muitas das aldeias missionárias. Quase todas só têm ainda um número reduzido de habitantes⁹²; o cultivo de hortas e a lavoura deixam a desejar, a pecuária — por exemplo, a criação de cabras — acabou quase por completo⁹³; são bem poucos os lugares em que coisas úteis são produzidas, como é o caso das rolhas de borracha em San Baltasar⁹⁴. Humboldt atribui o êxodo de muitos indígenas a um erro de localização das missões; elas situam-se perto demais do rio; os habitantes estão constantemente expostos aos mosquitos, um mal que poderia ser evitado mais para dentro da floresta tropical⁹⁵. O clima extremo favorece doenças

e epidemias⁹⁶. E, sobretudo: os rudes costumes dos povos indígenas aqui no interior da Guiana não se coadunam com o modelo de civilização da missão⁹⁷. Além disso, os franciscanos não lograram manter o nível dos jesuítas nos povoados: em Atures desistiu-se das plantações de milho e feijão, só se tendo ainda mandioca e bananas; não há mais gado aproveitável, e, das frutas que antes eram cultivadas sistematicamente, restam unicamente pequenos e isolados pés de laranja e tamarindos⁹⁸. Os franciscanos também não administram o recolhimento dos ovos de tartaruga por parte dos Otomacos na missão de San Miguel de la Tortuga com a mesma sabedoria prospectiva que era característica dos jesuítas, ocasionando a diminuição do número destes répteis⁹⁹.

Humboldt expressa admiração pelos jesuítas em diversas passagens. Eles souberam aproveitar a inclinação dos índios ao canto e à música no processo de cristianização, desenvolvendo-a na música eclesiástica¹⁰⁰. Praticaram uma política inteligente em relação às línguas indígenas por terem fomentado algumas línguas bem regulares e muito difundidas, fazendo com que se tornassem um meio de comunicação entre povos indígenas diversos¹⁰¹.

Apesar de todo o reconhecimento, Humboldt não deixa de conservar uma profunda reserva para com o sistema missionário. Na qualidade de homem interessado em autonomia e liberdade pessoais, incomodava-se com o fato de não existir divisão de poderes nas missões: “O poder civil mais arbitrário encontra-se (...) totalmente fundido com os direitos que competem aos clérigos (...)”¹⁰². Humboldt compara a coação da economia planificada que reina nas “teocracias”¹⁰³ com o sistema de servidão existente na Europa Oriental¹⁰⁴. “O missionário tenta tratar seu povoado como um mosteiro. Tudo acontece de acordo com o bater dos sinos; o índio não tem liberdade de ação em nenhum momento; (...) ele nada quer plantar porque tudo o que produz pertence ao padre”¹⁰⁵. Humboldt sabe que as reduções foram fundadas originalmente para proteger os índios dos conquistadores e *encomenderos*¹⁰⁶; mas

instituições que se prestavam muito bem para conter o derramamento de sangue e colocar o primeiro fundamento para o desenvolvimento social tornaram-se posteriormente um empecilho para o progresso deste processo¹⁰⁷. O isolamento teve como consequência que os índios permaneceram mais ou menos assim como eram (...) Seu número cresceu consideravelmente, mas de forma alguma seu horizonte intelectual (...) Tudo entre eles, mesmo as mais insignificantes tarefas da vida caseira, foi submetido a regras imutáveis, e assim eles foram tornados obedientes, mas, simultaneamente, também tolos. Seu sustento geralmente está melhor assegurado, os seus costumes se tornaram mais brandos; mas a coação e a melancólica uniformidade do regime missionário pesam sobre eles, e sua índole sombria e fechada revela como sacrificaram a contragosto sua liberdade em favor do sossego. A disciplina monástica (...) transplantada para as selvas do Novo Mundo e aplicada a todas as relações da vida civil (...) entrava, de geração em geração, o desenvolvimento intelectual, impede a comunicação entre os povos, repelindo tudo o que eleva a alma e amplia o horizonte das idéias.¹⁰⁸

Em última análise, o fato de Humboldt emitir juízos tão duros e não sem contradições explica-se, provavelmente, por sua profunda aversão à “regularidade existente em tudo que provém de monges”¹⁰⁹ e por sua paixão incondicional pela liberdade¹¹⁰. E exatamente naquela passagem do diário em que expressa sua crítica fundamental ao sistema missionário, ele assegura também mais uma vez estar “livre de ódio contra os monges”, “que pessoalmente nunca me fizeram algo de mal” e “entre os quais cheguei a conhecer uma série de pessoas muito dignas de consideração”¹¹¹.

Três desses padres observantes sejam aqui apresentados: o padre Bernardo Zea de Atures, acometido de malária, que colocou à disposição de Humboldt seu quarto construído “ao lado da igreja sobre um suporte de troncos de palmeiras” a uma altura de cinco a sete metros, a fim de que pudesse respirar com mais liberdade, secar suas plantas e escrever seu diário¹¹²; este padre Zea, carregando nas costas muitos anos de assédio de mosquitos, acompanhou os dois jovens pesquisadores durante toda a sua viagem de ida e volta pelo curso superior do Orinoco até a divisa com o Brasil¹¹³. Nesta ocasião ele teve que suportar algumas coisas:

Já tínhamos em nossa piroga sete papagaios, duas galinhas, um *motmot*, dois *guans* ou *pavas de monte*, dois *manaviri* e oito macacos. O padre Zea, mesmo sem o expressar, (...) estava pouco satisfeito com o fato de nossa exposição ambulante de animais multiplicar-se a cada dia (...) Nossos animais geralmente ficavam em pequenas gaiolas de madeira, se bem que alguns corresse livremente por todos os cantos da piroga. Quando ameaçava chover (...) os pequenos macacos *titi* corriam em direção ao padre Zea, rastejando para dentro das largas mangas do seu hábito franciscano.¹¹⁴

Humboldt tinha em alta consideração o missionário de Uruana, Pe. Ramón Bueno¹¹⁵, por ter descoberto e investigado as pinturas pré-históricas na rocha de Tépumerene e por “atentar”, como nenhum outro, “para todas as condições dos povos nativos”¹¹⁶. Ramón Bueno é o autor da importante obra etnológica *Apuntes sobre la Provincia Misionera de Orinoco e Indígenas de Su Territorio*¹¹⁷. Ao final de seu giro pela Venezuela, Humboldt encontrou em Nueva Barcelona frei Juan Gonzales,

que já havia estado antes de nós no curso superior do Orinoco (...) Frei Juan havia decidido retornar à Europa e acompanhar-nos nesta viagem até a ilha de Cuba. A partir daí permanecemos juntos por sete meses; o homem era alegre, espirituoso e prestativo. Quem poderia imaginar a desgraça que o aguardava! Ele levou junto uma parte das nossas coleções; um amigo comum confiou-lhe uma criança que se pretendia mandar educar na Espanha; as coleções, a criança, o jovem clérigo, tudo foi tragado pelas ondas.¹¹⁸

5. Resultado

Com isto chego à minha pergunta conclusiva: a que resultado leva a leitura dos relatos de viagem de Alexander von Humboldt em termos de história da Igreja? As impressões de Humboldt a respeito da Igreja na América hispânica na virada do século XIX parecem estranhamente ambivalentes. Por um lado ele destaca como positiva a contribuição da Igreja para a civilização (urbanismo, sistema educacional, assistência). Entre o clero, mormente entre o clero secular, chegou a conhecer numerosas personalidades por cujo pensamento esclarecido e ação progressista sentiu-se atraído¹¹⁹. Humboldt, o jovem admirador da Revolução Francesa proveniente de casa paterna conservadora, que tinha muitas reservas em relação ao poder da Igreja e, de maneira geral, em relação a um mundo que tolhia a liberdade, encontrou com frequência justamente entre os clérigos aqueles interlocutores que mais o atraíam; a pessoa que provavelmente foi o seu interlocutor científico mais importante era um sacerdote: Dom José Celestino Mutis, dirigente da “Expedición Botánica de Nueva Granada” em Bogotá.

Ainda assim, Humboldt exibe uma postura ambivalente para com a Igreja: ele a rejeita como esteio do *ancien régime*, como parte integrante de um sistema colonial ou, como afirma certa vez, “como pretexto da avareza européia”¹²⁰. Mas ele aprova o cristianismo quando é “uma religião mansa, humana”¹²¹, quando — como em seus inícios — fomenta a liberdade humana e a felicidade das classes mais baixas do povo¹²², quando serve dignamente a Deus, ou seja, segue “o exemplo da sua bondade” e eleva e liberta “os pobres, adoentados escravos”¹²³. A bordo do Pizarro, sensibilizado por uma oração comunitária pelos mortos proferida para um passageiro de viagem que havia falecido repentinamente, Humboldt — num acesso de romantismo — fala a respeito de como “os primeiros cristãos se entendiam como membros de uma família” e de como a oração “também agora ainda aproxima as pessoas no sentimento de um infortúnio comum”¹²⁴.

Alexander von Humboldt foi indiscutivelmente um defensor dos direitos humanos¹²⁵; ele tomou partido pelo bem-estar e a libertação dos nativos da América¹²⁶ e do mesmo modo dos escravos negros¹²⁷, que é um aspecto que não abordei. Simultaneamente, contudo, mantinha uma profunda distância em relação a determinadas formas de vida do povo simples, sobretudo na área da religiosidade. Em sua crítica Humboldt deixou de perceber um dilema para o qual seu ímpeto pesquisador branco e sua crença na liberdade o conduziram forçosamente. A liberdade com a qual pretendia ver felicitados os índios era um valor europeu¹²⁸. Sua apropriação e implementação por parte das classes altas brancas crioulas, como portadoras dos movimentos de independência latino-americanos e, a seguir, como detentores do poder das repúblicas, expuseram os indígenas nos séculos XIX e XX a uma arbitrariedade muito maior ainda do que o regime colonial¹²⁹ — inclusive também através da eliminação das missões, cuja função de proteção, conquistada pelos missionários em meio aos debates e lutas do século XVI, ainda

estava, desconsiderando-se as situações problemáticas, fundamentalmente em vigência também na época em que Humboldt fez sua viagem¹³⁰.

Já vimos como Alexander von Humboldt — a despeito de toda a sua engajada simpatia¹³¹ — em última análise permaneceu um estranho em relação ao mundo indígena. Ele, que era também um homem de posses, um homem rico, sucumbiu a uma superestimação da própria pessoa à qual nós, brancos esclarecidos, sucumbimos fácil e seguidamente. Também ao pensamento científico da modernidade européia são postos limites. Se, como o próprio Humboldt afirma certa vez, a religião comunica às pessoas que elas são membros de uma família¹³², então, em última análise, não existe uma superioridade de entendimento de uns sobre a “menoridade” dos outros “causada por eles próprios”; antes, neste caso só podemos sempre pressentir o que seria o próprio do outro, devendo respeitar a sua dignidade. É isto o que a teologia atual quer dizer quando fala da opção pelos pobres¹³³.

Alexander von Humboldt foi designado como um “segundo Colombo”, o “redescobridor da América”¹³⁴. O passo do descobrimento para a conquista é curto. Quando estavam a caminho, o padre Zea havia falado a Humboldt sobre a caverna de Atarupe; “mas não tínhamos o tempo de (...) visitá-la, de modo que nos propusemos a olhá-la por ocasião da viagem de retorno do rio Negro”¹³⁵. Isto foi em 31 de maio de 1800.

Nesta sepultura de todo um povo extinto contamos (...) cerca de 600 esqueletos (...) bem conservados. Cada esqueleto está numa espécie de cesto de hastes de folhas de palmeiras (...) designados de *mapires* pelos nativos. (...) Os ossos estão (...) ou embranquecidos pelo ar e sol, ou tingidos de vermelho (...) com *onoto*, ou ainda, feito múmias, acondicionados em folhas de banana (...) em meio a resinas aromáticas. Para grande desgosto de nossos guias [indígenas], abrimos vários *mapires* a fim de examinar com precisão a formação dos crânios (...) Levamos junto da caverna de Atarupe vários crânios, o esqueleto de uma criança de 6 a 7 anos e os esqueletos de dois adultos da nação dos Atures. Toda esta (...) ossada perfazia quase uma carga de mula completa, e, já que conhecíamos bem a aversão supersticiosa dos índios em relação a cadáveres já enterrados, mandáramos enrolar os cestos em esteiras recentemente tecidas. Mas esta precaução lamentavelmente não adiantou nada por causa da sensibilidade e do fino faro dos índios. Em todos os lugares onde parávamos (...) nas missões dos caraíbas, os nativos se juntavam ao redor de nossas mulas (...) e assim que essa boa gente tocava em nossa bagagem, eles profetizavam que o animal de carga “que levava o morto” haveria de morrer. Inutilmente nós asseverávamos que eles estavam errados, que nos cestos encontravam-se ossos de crocodilos e peixes-boi. Eles permaneciam firmes, diziam que cheiravam a resina que cobria os esqueletos e afirmavam que isto seriam seus antigos parentes! Fomos obrigados a apelar à autoridade dos monges para conseguir controlar a contrariedade dos nativos e arranjar novos burros. Um dos crânios que levamos junto da caverna de Atarupe está esboçado na bela obra sobre as variedades do gênero humano de autoria do meu antigo professor Blumenbach¹³⁶; contudo, os esqueletos dos índios, juntamente com

uma importante parcela de nossas coleções, perderam-se por ocasião de um naufrágio na costa da África, que custou a vida do nosso amigo e companheiro de viagem frei Juan Gonzales.¹³⁷

Notas

- * Preleção inaugural proferida a 28 de janeiro de 1993 na Faculdade de Teologia Católica da Universidade do Ruhr, em Bochum. Foi repetida como palestra diante da Associação Diocesana de História no Bispado de Berlim em 25 de janeiro de 1994 e na Faculdade de Teologia Evangélica da Universidade Ludwig-Maximilian de Munique em 12 de janeiro de 1995. A forma da palestra foi conservada no texto; as notas documentam, por um lado, as afirmações de Humboldt citadas no corpo do texto e, por outro, oferecem informações necessárias sobre os nexos e antecedentes da época, bem como sobre sua assimilação e avaliação na literatura científica na área da história.
- 1 Michael SIEVERNICH, Quellen zur Christianisierung Lateinamerikas; ein Forschungsbericht über neuere Editionen, *Theologie und Philosophie*, 69:74-89, 1994; ID., Zur Geschichte der Missionierung Lateinamerikas; ein Überblick über neuere Literatur, *Jahrbuch für kontextuelle Theologien*, 93:170-202, 1994.
- 2 Por ocasião do 125^o ano da morte de Humboldt, o Prof. Dr. Hanno Beck, dirigente do Departamento de Pesquisa da Associação Humboldt, e a editora Wissenschaftliche Buchgesellschaft decidiram reunir numa edição de estudo de sete volumes a essência da extensa obra do pesquisador viajante alemão. Foram publicadas até agora: *Schriften zur Geographie der Pflanzen*, Darmstadt, 1989, vol. 1; *Cuba-Werk*, 1992, vol. 3; *Mexico-Werk*; politische Ideen zu Mexico; mexikanische Landeskunde, 1991, vol. 4; *Ansichten der Natur*, 1987, vol. 5; *Schriften zur physikalischen Geographie*, 1989, vol. 6; *Kosmos*; Entwurf einer physischen Weltbeschreibung, 2 tomos, 1993, vol. 7. Em 5 de dezembro de 1991 ocorreu na Universidade de Leipzig um colóquio cujas palestras estão documentadas no seguinte volume: Michael ZEUSKE & Bernd SCHRÖTER, eds., *Alexander von Humboldt und das neue Geschichtsbild von Lateinamerika*; Beiträge zur Universalgeschichte und vergleichenden Gesellschaftsforschung, Leipzig, 1992, vol. 2. De 7 a 10 de maio de 1992 seguiu-se um congresso na Academia Evangélica de Loccum; cf. Wolfgang GREIVE, ed., *Alexander von Humboldt; die andere Entdeckung Amerikas*, Rehburg-Loccum, 1993 (Loccumer Protokolle, 10). Uma exposição intitulada “Alexander von Humboldt — Natur als Idee und Abenteuer” ocorreu nas seguintes datas e locais: de 25 de abril a 23 de maio de 1993 no Museu Municipal de Gelsenkirchen; de 6 de junho a 1^o de agosto de 1993 no Museu de Ciências Naturais da Universidade Humboldt em Berlim e de 15 de agosto a 19 de setembro de 1993 na Galeria de Arte Nacional em Caracas. O volume sobre a exposição, que leva o mesmo título, foi editado por Martin GUNTAU, Peter HARDETERT e Martin PAPE e publicado em 1993, em Essen.
- 3 Humboldt foi celebrado ainda em vida como o segundo descobridor da América. Seu túmulo diante da Universidade Humboldt de Berlim tem a inscrição: “Al Segundo Descubridor de Cuba /La Universidad de La Habana 1939”. O título encontra-se na bibliografia de forma quase que estereotipada. Cf., p. ex.: Delia Freiin von MAUCHENHEIM-BECHTOLSHEIM, Las Relaciones Germano-Latinoamericanas en el Pasado, in: Karl RÖMER, ed., *La Realidad Alemana*; la Republica Federal de Alemania, 6. ed., Gütersloh, 1987, p. II-XIX (aqui, VI-VIII); Urs BITTERLI, *Die Entdeckung Amerikas*; von Kolumbus bis Alexander von Humboldt, München, 1991; Ottmar ETTE, Entdecker über Entdecker: Alexander von Humboldt, Cristóbal Colón und die Wiederentdeckung Amerikas, in: Titus HEYDENREICH, ed., *Columbus zwischen zwei Wélten*; literarische Wertungen aus fünf Jahrhunderten, Frankfurt, 1992, pp. 401-439, especialmente 416-419; 420s.,

- notas 1-5; 427s., nota 53; 434, nota 101; ID., “Eine Eroberung durch Nachdenken”; zum Begriff der Entdeckung bei Alexander von Humboldt, in: Wolfgang GREIVE, ed., op. cit. (nota 2), pp. 241-252.
- 4 Cf. quanto a isso os capítulos “Veröffentlichung des Reisewerks” e “Bibliographische Übersicht. 3. Das amerikanische Reisewerk”, in: Karl BRUHNS, ed., *Alexander von Humboldt, eine wissenschaftliche Biographie*, Leipzig, 1872, 3 vols. (aqui: vol. 2, pp. 3-24 e 496-521).
- 5 O primeiro volume da “parte narrativa essencial do ‘Corpus Americanum’” (Ottmar Ette) foi publicado em 1814, o segundo seguiu-se em 1819; o terceiro e último do relato, que permaneceu fragmentário, foi publicado em 1825, segundo a página de rosto, mas provavelmente mais tarde, pois nele são considerados ainda dados estatísticos de 1829. Por ocasião do 200º aniversário de Alexander von Humboldt, o original em francês foi publicado na seguinte nova edição: *Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland*; rédigé par Alexandre de Humboldt. Trata-se de uma reimpressão do original publicado na íntegra em 1814-1825 em Paris, editada por Hanno Beck, Stuttgart, 1970, 3 vols. — A tradução para o alemão mais disseminada do relato de viagem é a seguinte: *Alexander von Humboldt’s Reise in die Aequinoctial-Gegenden des neuen Continents*; in deutscher Bearbeitung von Hermann Hauff; nach der Anordnung und unter Mitwirkung des Verfassers; einzige von A. v. Humboldt anerkannte Ausgabe in deutscher Sprache, Stuttgart, 1859/60, 4 vols. — O editor Hermann Hauff (1800-1845) era o irmão mais velho do poeta Wilhelm Hauff (1802-1827) e, desde 1847, bibliotecário da Biblioteca Pública Real de Stuttgart. A observação crítica no título refere-se à edição não-autorizada, de seis volumes, publicada em Stuttgart pela editora Cotta em 1815/29. A versão do relato de viagem editada por Hauff pode ser considerada, a despeito de suas deficiências, como a versão clássica do texto em alemão em virtude de suas muitas reedições, por último na editora Lamuv, fundada por René Böll; usei a edição mencionada: Alexander von HUMBOLDT, *Die Reise nach Südamerika*; vom Orinoko zum Amazonas; nach der Übersetzung von Hermann Hauff bearbeitet und herausgegeben von Jürgen Starbatty, Bornheim-Merten, 1985, citada como: Hauff/Starbatty. Em contraposição a ela, a edição apresentada por Ottmar Ette na editora Insel, Frankfurt a.M./Leipzig, 1991, se caracteriza por uma orientação mais rigorosa da forma do texto pelo original em francês.
- 6 Cit. ap. Paul Kanut SCHÄFER, Einleitung, in: Alexander von HUMBOLDT, *Die Wiederentdeckung der Neuen Welt*; erstmals zusammengestellt aus dem unvollendeten Reisebericht und den Reisetagebüchern; herausgegeben und eingeleitet von Paul Kanut Schäfer, München/Wien, 1992, pp. 5-29 (aqui p. 25).
- 7 Inicialmente foi publicada uma antologia: Alexander von HUMBOLDT, *Lateinamerika am Vorabend der Unabhängigkeitsrevolution*; eine Anthologie von Impressionen und Urteilen, aus seinen Reisetagebüchern zusammengestellt und erläutert durch Margot Faak; mit einer einleitenden Studie von Manfred Kossok, Berlin, 1982 (Beiträge zur Alexander-von-Humboldt-Forschung, 5). Seguiu-se uma edição em dois volumes com excertos dos diários sobre sua posterior viagem pela hodierna Colômbia, Equador, Peru e México: Alexander von HUMBOLDT, *Reise auf dem Río Magdalena, durch die Anden und Mexico*; Teil I: Texte; aus seinen Reisetagebüchern zusammengestellt und erläutert durch Margot Faak; mit einer einleitenden Studie von Kurt-R. Biermann; Teil II: Übersetzung, Anmerkungen, Register; übersetzt und bearbeitet von Margot Faak, Berlin, 1986 e 1990 (Beiträge zur Alexander-von-Humboldt-Forschung, 8 e 9).
- 8 O livro foi publicado em 1989 pela editora Nation Berlin e em 1992 pela editora Carl Hanser, München/Wien (veja nota 6 acima). Cito os diários de viagem segundo esta edição como “Schäfer”. Em 1991 também foi publicado um volume com fotos preparado com maestria por Jürgen Strauss, em três línguas: “*Welch herrliches Schauspiel bot sich unseren Augen.*” “*Qué Espectáculo Magnífico Se Presentó ante Nuestros Ojos.*” “*What Magnificent Spectacle Met Our Eyes.*”; eine Reise durch Südamerika nach Notizen von Alexander von Humboldt, editado por Klaus Dyckerhoff, Klagenfurt, 1991.

- 9 Isto já foi constatado por Richard KONETZKE em seu artigo Alexander von Humboldt als Geschichtsschreiber Amerikas, *Historische Zeitschrift*, 188:526-565, 1959. Humboldt designou a si próprio várias vezes como “historiador da América”: Ottmar ETTE, op. cit. (nota 3), p. 409.
- 10 Em Cumaná, cidade da qual quatro quintos haviam sido destruídos por um terremoto ainda em 14 de dezembro de 1797, Humboldt ficou impressionado não só com o morro do castelo de San Antonio, mas também com o mosteiro de San Francisco, situado igualmente sobre uma elevação, e com o albergue dos capuchinhos, construído um pouco mais distante numa mata, que era “uma casa de campo extremamente agradável que os monges aragoneses haviam construído para missionários idosos e cansados, que não mais podiam desempenhar seu ofício” (Hauff/Starbatty, pp. 55-58).
- 11 Ibid., p. 133.
- 12 “Tanto mais belas são as igrejas e mosteiros, que se poderia denominar de suntuosas. Nenhuma outra cidade da América tem templos tão grandes e distintos como Quito, e a maioria deles também ficaria bem em Madri ou Cádiz. Todos eles possuem belas cúpulas, e em alguns, como no colégio dos jesuítas, poderiam-se admirar os detalhes das esculturas se as fachadas não estivessem tão sobrecarregadas de ornamentos (...)” (Schäfer, p. 269.)
- 13 Ibid., p. 331.
- 14 Ibid., pp. 368s. e 392. Quanto à concepção de cidade na América hispânica, cf. Francisco de Solano PÉREZ-LILA, Die hispanoamerikanische Stadt, in: Walther L. BERNECKER; Raymond T. BUVE; John R. FISCHER; Horst PIETSCHMANN; Hans-Werner TOBLER, eds., *Handbuch der Geschichte Lateinamerikas*; vol. 1: Mittel-, Südamerika und die Karibik bis 1760, Stuttgart, 1994, pp. 555-575 e 956s. (bibliografia).
- 15 Schäfer, p. 214.
- 16 Hauff/Starbatty, p. 156.
- 17 Humboldt refere-se, por exemplo, à “ermita” distante três milhas da cidade do México, nas proximidades da nova fábrica de pólvora Santa Fe, com as seguintes observações: “Acima da fábrica de pólvora situa-se o famoso eremitário em que o venerável Gregorio López notabilizou-se no século XVI por uma vida virtuosa e cheia de privações — um homem misterioso, cuja proveniência era desconhecida. Segundo uma tradição antiga, mas desprovida de qualquer fundamento, este eremita teria sido o filho de Filipe II, o infeliz Dom Carlos, o qual se teria deixado fugir ao invés de o matar. Na capela próxima vê-se seu retrato bem acabado. Mesmo que a tradição careça de qualquer historicidade, a sua simples idéia já é o bastante para sensibilizar, qual belo sonho, toda alma empática neste lugar solitário” (Schäfer, p. 374). Dom Carlos, filho único (n. em 1545) do matrimônio de Filipe II com Maria de Portugal, era mentalmente doente e veio a falecer como preso incommunicável em 25 de julho de 1568; a propaganda antiespanhola da época acusou o rei de ter eliminado seu filho por mão de assassino.
- 18 Alguns exemplos, nos quais Humboldt também sempre informa o motivo do erguimento de cruzes: no giro pelas missões do Orinoco, no caminho que dava para o local de desembarque no rio Pimichín, foi-lhe mostrada “uma cruz no caminho que assinala o lugar em que um pobre missionário capuchinho foi morto pelas vespas” (Hauff/Starbatty, p. 276). Na pitoresca Popayán a má construção das casas chamou a atenção de Humboldt; a madeira é constantemente atacada e carcomida por térmitas (= *comején*); na cidade “foi erigida uma cruz com a advertência de que se deveria fazer algumas orações suspirando para que Deus nos livre do *comején*” (Schäfer, p. 254). Mais ao sul, na fria região montanhosa de Pasto, Humboldt viu “em vários pontos cruzes que assinalam que aqui pessoas morreram de frio ao serem surpreendidas pela noite” (Schäfer, p. 263).
- 19 Pouco antes de seguir viagem de Cuba para Cartagena de Indias, Humboldt visitou em 14 de março de 1801 a igreja de romaria de Nuestra Señora de la Popa em Trinidad (Schäfer, p. 200).

- Cf. também Iván CAÑAS & Rigoberto ROMERO, *Trinidad auf Kuba; zur Mentalität einer Stadt; mit einem Text von Martin Franzbach*, St. Gallen/Köln/São Paulo, 1988.
- 20 Schäfer, p. 284. Humboldt também chegou a conhecer outros locais de peregrinação marianos, p. ex., o retrato miraculoso de Mamón na Venezuela (Hauff/Starbatty, pp. 154s.) e, naturalmente, Guadalupe, no México, sendo que lhe foi importante constatar aqui: “Toda a história da aparição é uma fábula que só começou a tornar-se conhecida 50 anos após a morte de Zumárraga” (Schäfer, p. 378); Humboldt refere-se aqui explicitamente ao mais proeminente crítico de Guadalupe do século XVIII, Juan Bautista Muñoz, que havia conhecido em Madri antes de sua partida em 1799 e em cuja *Historia del Nuevo Mundo* depositava confiança; quanto a isto, cf. Ernesto de la Torre VILLAR & Ramiro Navarro de ANDA, eds., *Testimonios Históricos Guadalupanos*, México, 1982.
- 21 Por vezes, contudo, Humboldt se diverte com a tendência dos espanhóis a interpretar ou, pelo menos, designar em termos religiosos fenômenos da natureza como, p. ex., formações rochosas: “(...) como os conquistadores europeus viam em toda parte pegadas dos apóstolos, lascas da cruz e, inclusive, o batismo e a santa ceia introduzidos entre os índios” (Schäfer, p. 310); “(...) na fantasia dos espanhóis, que em tudo só projetam mosteiros e integrantes de mosteiros — beatas sentadas” (ibid., p. 384). Cf. também as observações sobre as pegadas do apóstolo Bartolomeu em Mulaló, ao sul de Quito, nas quais Humboldt identifica uma tradição mais antiga, do próprio local (ibid., pp. 285s.).
- 22 Ibid., p. 372. Chama a atenção também a exposição reservada e empenhada por objetividade que Humboldt apresenta do tribunal da Inquisição na cidade do México (ibid., p. 373).
- 23 Hauff/Starbatty, pp. 333s.
- 24 Dom Angel Vélarde y Mustamanta, bispo de Popayán de 1788 a 1809: Remigius RITZLER & Pirmin SEFRIN, eds., *Hierarchia Catholica medii et recentioris aevi sive Summarum Pontificum, S.R.E. Cardinalium, Ecclesiarum Antistitum Series*, Padua, 1958, vol. IV, p. 344, e Padua, 1968, vol. VII, p. 312.
- 25 Schäfer, p. 258. Logo a seguir vem a observação crítica de que o relacionamento entre o bispo e o governador é tenso e que, por esta razão, “as casas projetadas para os pobres” não chegam a ser construídas.
- 26 Dom Francisco Xavier Fita y Carrión, bispo de Cuenca de 1801/03 a 1805: Remigius RITZLER & Pirmin SEFRIN, eds., op. cit. (nota 24), vol. VI, p. 420, e vol. VII, p. 379.
- 27 Schäfer, p. 310.
- 28 Dom José Carrión y Marfil, bispo de Trujillo de 1798 a 1825: Remigius RITZLER & Pirmin SEFRIN, eds., op. cit. (nota 24), vol. VI, p. 420, e vol. VII, p. 379.
- 29 Schäfer, p. 431.
- 30 Dom Primo Feliciano Marín de Porras, de Tamarón, na Castela antiga, bispo de Linares de 1801 a 1815, onde não pôde residir nos anos de 1811/13 em virtude da luta pela independência: Ángel M. GARIBAY K. & Miguel LEÓN-PORTILLA, eds., *Diccionario Porrúa de Historia, Biografía y Geografía de México*, 5. ed., México, 1986, vols. I-III (aqui vol. II, p. 1767). Remigius RITZLER & Pirmin SEFRIN, eds., op. cit. (nota 24), vol. VII, p. 240.
- 31 Schäfer, p. 375.
- 32 Dom Antonio de San Miguel Iglesias (1726-1805), natural de Revilla, na diocese de Santander (Cantábria), membro da Ordem dos Jeronimitas, professor de Filosofia e Teologia em Sigüenza, Avila e Salamanca, em 1768 geral de sua ordem, a seguir bispo de Comayagua em Honduras, foi nomeado em 1783 bispo de Valladolid de Michoacán. Quando em 1785/87 a fome assolou seu bispado, ele tomou a iniciativa de fundar as primeiras fiações e tecelagens locais com a finalidade de arranjar trabalho. Um senso humanitário e esclarecido o bispo também mostrou em 1798, no

- ano da epidemia de varíola; ele não só assistiu os doentes material e espiritualmente, mas também organizou uma campanha de vacinação: Ángel M. GARIBAY K. & Miguel LEÓN-PORTILLA, eds., op. cit. (nota 30), vol. III, p. 2624. Remigius RITZLER & Pirmin SEFRIN, eds., op. cit. (nota 24), vol. VI, p. 283, e vol. VII, p. 259.
- 33 Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil = *Gesammelte Werke von Alexander von Humboldt*, vol. 9. Zweiter Teil = *ibid.*, vol. 10, Stuttgart, 1889, p. 217: “O novo aqueduto, através do qual a cidade recebe sua água potável, foi construído a expensas do último bispo, frei Antonio de San Miguel, e lhe custou aproximadamente meio milhão de francos.” Este aqueduto está conservado até hoje e constitui um dos símbolos de Morelia, ainda denominada de Valladolid nos tempos de Humboldt, a capital de Michoacán. — Na nova edição do *Mexico-Werk* (nota 2) faltam as passagens sobre a Intendência de Valladolid; a omissão está indicada na p. 321.
- 34 Schäfer, p. 376. Na época Gamboa havia recebido a tarefa de fazer baixar a praça em torno da catedral. Gamboa, cujo pai Francisco Xavier (1717-1794) havia sido presidente da *Audiencia* da Nova Espanha (desde 1788), tomou a iniciativa de efetivar o retorno dos jesuítas ao México em 1816: Ángel M. GARIBAY K. & Miguel LEÓN-PORTILLA, eds., op. cit. (nota 30), vol. II, p. 1141.
- 35 Alexander von HUMBOLDT, op. cit. (nota 33), p. 219; não consta na edição nova. Manuel Abad y Queipo (1751-1825), natural de Santa María de Villarpedre na Astúria, desde 1784 como clérigo em Valladolid de Michoacán, figura proeminente entre o clero da Nova Espanha ao final da época colonial, empenhou-se, com base em arguta análise, numa série de escritos memoriais (“Representaciones” de 1799, 1805, 1807 e 1815) por reformas sociais, econômicas e políticas no México. Ele esperava que a Coroa, a quem era fiel, realizasse essas reformas, quando Miguel Hidalgo e José Maria Morelos principiaram o levante. Foi Abad quem decretou a controvertida excomunhão de Hidalgo, cuja validade era duvidosa por ele mesmo ser só bispo eleito e não designado (desde 1810): Mariano CUEVAS, *Historia de la Iglesia en México*, 4. ed., México, 1942, vols. I-V (aqui: vol. V, pp. 34-72). Lillian E. FISHER, *Champion of Reform — Manuel Abad y Queipo*, New York, 1955.
- 36 José Celestino Mutis (1732-1808) era natural de Cádiz e veio para Bogotá em 1761 como médico particular do vice-rei Pedro Mejía de la Zerda; Mutis também assumiu ali uma atividade docente no colégio Nuestra Señora del Rosario, que atingiu o nível de universidade em 1768. Seu principal campo de interesse era a botânica; correspondia-se com Carl Linné em Uppsala. Quando Mejía foi chamado de volta para a Espanha em 1772, Mutis, cujo irmão mais velho Francisco era jesuíta, ingressou no clero, no que já havia pensado há mais tempo. Em 19 de dezembro de 1772 foi ordenado sacerdote pelo arcebispo da época, Agustín Manuel Camacho y Rojas, na capela do seu palácio. Alguns anos mais tarde o erudito sacerdote, que também era confessor de um convento de freiras em Bogotá, recebeu um canonicato na catedral local. Mutis dirigiu, a partir de 1783, a “Expedição Botânica” que havia sido estabelecida por iniciativa do arcebispo Dom Antonio Caballero y Góngora; um dos seus colaboradores ali era o franciscano Diego García. Humboldt apreciava sobremaneira os conhecimentos científicos de Mutis; estimava que, quantitativamente, sua biblioteca era similar à de Sir Joseph Banks, o presidente da Royal Society em Londres, a quem havia conhecido em 1790. Mutis, que se destacou também como matemático, físico e astrônomo, já havia chamado a atenção de Humboldt na Espanha; por isso, ao planejar sua viagem, não mediu esforços para encontrar-se com ele. Mutis faleceu em Bogotá no dia 11 de setembro de 1808, tendo sido enterrado um dia após no mosteiro dominicano de Santa Inés. Sua sepultura foi redescoberta em 1957, quando a igreja de Santa Inés teve que ser demolida em função da ampliação de uma estrada; seus restos mortais foram trasladados na época para a catedral de Bogotá: Luis Duque GÓMEZ, *El Descubrimiento de la Tumba del Sabio Mutis*, Bogotá, 1960. Sobre Mutis, cf. Hermann A. SCHUMACHER, *Südamerikanische Studien*; drei Lebens- und Cultur-Bilder; Mútis, Cálidas, Codazzi; 1760-1860, Berlin, 1884, pp. 3-132; A. Federico GREDILLA, *Biografía de José Celestino Mutis con la Relación de Su Viaje y Estudios*

- Practicados en el Nuevo Reino de Granada*, Madrid, 1911; Luis de Hoyos SAINZ, *José Celestino Mutis — Naturalista, Medico y Sacerdote*, Madrid, 1949; Guillermo Hernández de ALBA, ed., *Diario de Observaciones de José Celestino Mutis 1760-1790*, Bogotá, 1957/58, 2 vols.; ID., ed., *Archivo Epistolar del Sabio Naturalista Don José Celestino Mutis*, Bogotá, 1968, vols. I-II; 1975, vols. III-IV; ID., ed., *Escritos Científicos de Don José Celestino Mutis*, Bogotá, 1983, 2 vols.; José M. de MIER, *Mutis Sacerdote*, Bogotá, 1986; Paz Martín FERRERO, ed., *Actas del Simposium CCL Aniversario Nacimiento de Joseph Celestino Mutis*, Cadiz, 1986; Marcelo Frías NÚÑEZ, *Tras "El Dorado" Vegetal*; José Celestino Mutis y la Real Expedición Botánica del Nuevo Reino de Granada 1783-1808, Sevilla, 1994.
- 37 Schäfer, pp. 228s.
- 38 Jean-René Sigaud de la Fond (1740-1810), professor de Física e Química em Bourges/França.
- 39 Johann Gottskalk Wallerius (1709-1785), professor de Química, Mineralogia e Farmácia em Uppsala/Suécia.
- 40 Tobem Olof Bergman (1735-1784), discípulo de Linnés, em 1758 professor de Física em Uppsala, em 1767 de Química, tornou-se conhecido, sobretudo, como mineralogista (descobriu a preparação da água mineral artificial).
- 41 Jan Ingenhousz (1730-1799), médico e naturalista holandês, membro da Royal Society da Inglaterra, descobriu em 1779 a fotossíntese das plantas.
- 42 François Rozier (1734-1793), clérigo e naturalista francês.
- 43 Dom Antonio Caballero y Góngora, bispo de Chiapas (1775) e Yucatán (1775-1778), arcebispo de Santa Fé de Bogotá (1778-1788), por último, entre 1788 e 1796, bispo de sua diocese natal de Córdoba, na Espanha: Remigius RITZLER & Pirmin SEFRIN, eds., op. cit. (nota 24), vol. VI, pp. 163, 183, 217 e 448. Sobre ele, cf. José Luis Mora MERIDA, *Ideário Reformador de un Córdoba Ilustrado: el Arzobispo y Virrey Don Antonio Caballero y Góngora*, in: Bibiano Torres RAMÍREZ & José Hernández PALOMO, eds., *Andalucía y América en el Siglo XVIII*; *Actas de las IV Jornadas de Andalucía y América*; Universidad de Santa María de la Rábida, Marzo 1984, Sevilla, 1985, 2 vols., pp. 233-259.
- 44 Schäfer, p. 239.
- 45 *Ibid.*, p. 241.
- 46 Margot FAAK, Alexander von Humboldt und die lateinamerikanische Unabhängigkeitsrevolution; persönliche Begegnungen und Freundschaften mit Patrioten, in: Michael ZEUSKE & Bernd SCHRÖTER, eds., op. cit. (nota 2), pp. 100-144 (aqui pp. 111s.). Reproduções do retrato em: Ulrike MOHEIT, Alexander von Humboldt und seine Zeitgenossen, in: Martin GUNTAU; Peter HARDETERT; Martin PAPE, eds., *Alexander von Humboldt*; *Natur als Idee und Abenteuer*; *Ausstellungsband*, Essen, 1993, pp. 91-106 (aqui p. 95, em cima à esquerda).
- 47 Alexander von HUMBOLDT, Mutis (Don Josef-Celestino), in: *Biographie Universelle, Ancienne et Moderne*, Paris, 1821, vol. 30, pp. 499-506.
- 48 José Antonio Pichardo, nascido em 1748 (?) em Cuernavaca e falecido em 1812 na cidade do México, era tido como gênio em línguas (falava latim, grego e hebraico, bem como os modernos idiomas da Europa) e erudito universal (ciência da Antiguidade, filosofia, matemática, cosmografia); possuía uma biblioteca com mais de 6.000 volumes. De 1808 até a sua morte trabalhou no abrangente tratado *Limites de Luisiana y Texas*, com mais de 4.000 páginas, do qual havia sido incumbido pelo vice-rei Garibay. Esta excelente pesquisa geográfico-cartográfica constituiu o fundamento do acordo assinado em 1819 entre os EUA e a Espanha, no qual foi definida a fronteira setentrional do México, que permaneceu válida até as perdas de guerra dos anos 1845/48: Ángel M. GARIBAY K. & Miguel LEÓN-PORTILLA, eds., op. cit. (nota 30), vol. III, p. 2275.
- 49 Antonio de León y Gama, nascido em 1735 na cidade do México, falecido em 1802 no mesmo

- local, detentor da cadeira de Mecânica no Colegio de Minería, notabilizou-se por trabalhos científicos sobre mineralogia, física e outras ciências naturais e, sobretudo, como arqueólogo. Como tal tornou-se conhecido pelo seu escrito *Descripción Histórica y Cronológica de las Dos Piedras que con ocasión del Nuevo Empedrado que Se Está Formando en la Plaza Principal Se Hallaron en Ella el Año de 1790*, México, 1792. Cf. Mariano CUEVAS, op. cit. (nota 35), vol. V, p. 247; Angel M. GARIBAY K. & Miguel LEÓN-PORTILLA, eds., op. cit. (nota 30), vol. II, p. 1651.
- 50 Schäfer, p. 390.
- 51 Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil (nota 33), p. 134, nota 1; *Mexico-Werk* (nota 2), p. 255, nota 19.
- 52 Schäfer, p. 347.
- 53 Ibid., pp. 348s.
- 54 Ibid., p. 385.
- 55 Ibid., p. 209.
- 56 Assim, p. ex., no pequeno povoado de San Gerónimo del Guayaval, situado junto ao rio Guarico, um afluente do Apure, na Venezuela; ali Humboldt visitou “o clérigo, que tinha que morar dentro da igreja por não haver ainda sido construída uma casa pastoral. O jovem homem nos recebeu com a maior solicitude e deu-nos todas as informações que lhe pedimos” (Hauff/Starbatty, p. 194).
- 57 “Em 26 de agosto (1801) cavalgamos para Soacha e pernoitamos na casa do monge franciscano Palanca, que é o padre de lá e como tal tem uma renda anual acima de 3.000 pesos, uma pessoa gorda, benevolente” (Schäfer, p. 236).
- 58 Schäfer, p. 268.
- 59 “Em Pandi ficamos com o padre Dom Juan Porras. Ele tem o mérito de ter fundado o pequeno povoado atual, e nos recebeu amistosamente. É claro que tivemos que admirar (...) todas as esculturas de sua igreja sob o telhado de palha” (Schäfer, p. 243).
- 60 No caminho de Acapulco para a cidade do México, Humboldt e os seus acompanhantes passaram por Mezcala: o padre local fez com que “esperasse cruelmente por mais de uma hora” além do horário combinado (Schäfer, p. 365).
- 61 Ibid., pp. 295, 304 e 316.
- 62 Esse banquete realizou-se em 14 de março de 1801 (ibid., p. 200). Por ocasião da despedida de Trinidad na noite seguinte, Humboldt teve que tolerar coisa semelhante mais uma vez: “A municipalidade mandou nos conduzir para a foz do Guaurabo numa caleça bonita, revestida de damasco antigo cor de carmesim, e, para aumentar nosso embarço, o clérigo, o poeta do local, celebrou nossa viagem pelo Orinoco num soneto” (Schäfer, p. 201). Quanto às impressões colhidas por Humboldt em Cuba e à sua posição crítica para com os latifundiários cubanos, bem como à agricultura de plantagens baseada em trabalho escravo, cf. Horst PIETSCHMANN, Humboldts Bild von Kuba und der Karibik zu Beginn des 19. Jahrhunderts, in: Titus HEYDENREICH, ed., *Kuba; Geschichte — Wirtschaft — Kultur*, München, 1987, pp. 139-152 (*Lateinamerika-Studien*, 23).
- 63 Schäfer, p. 303.
- 64 Ibid., pp. 243 e 262.
- 65 Ibid., pp. 206s. Humboldt escandalizou-se particularmente com o costume de pendurar e queimar bonecos de Judas. Sua descrição do grande terremoto que destruiu Caracas na quinta-feira-santa de 26 de março de 1812 — Humboldt insere-a no seu relato de viagem sob a data de 7 de fevereiro de 1800, quando partiu da capital da Venezuela — ressalta, sobretudo, a grande participação do povo nas missas: “A procissão ainda não havia partido, mas a afluência às igrejas era tão grande, que de 3 a 4 mil pessoas foram mortas em razão das abóbadas que ruíram” (Hauff/Starbatty, pp. 144-148, aqui p. 145).

- 66 Schäfer, pp. 261s. Após o término da missa “iniciou a procissão. Os índios dançavam furiosamente uma espécie de corrente em meio ao cortejo da procissão, agitando os bastões diante dos ídolos cristãos. Fiz um desenho disto tudo” (ibid., p. 262). Lamentavelmente, segundo informações prestadas pelo Centro de Pesquisas Alexander von Humboldt, este desenho ainda não pôde ser encontrado em parte alguma (amável informação prestada em 27 de janeiro de 1993 pela bibliotecária, Sra. Helga Döhn, Seção de Manuscritos da Biblioteca Estatal de Berlim Patrimônio Cultural Prussiano, Unter den Linden, 8). Humboldt também fala dessa experiência no *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien* (1ª parte [nota 33], p. 70), e o faz no contexto de idéias sobre mistura de ritos e a inculturação do cristianismo: “Em toda parte o rito cristão assumiu as transformações do país para o qual foi transplantado. Nas Ilhas Filipinas e Marianas os povos de raça malásia o misturaram com suas próprias cerimônias, e na província de Pasto, atrás da Cordilheira dos Andes, vi índios que haviam se mascarado e pendurado chocalhos em si para efetuar danças selvagens ao redor do altar, enquanto um monge franciscano elevava a hóstia.” A citação também foi incluída na nova edição do *Mexico-Werk* (nota 2), p. 182. Quanto à importância da dança religiosa na religiosidade popular latino-americana, cf. Maximiliano SALINAS, *Die theologischen Erfahrungen in der Geschichte des lateinamerikanischen Christentums*, in: Theo SUNDERMEIER & Norbert KLAES, eds., *Theologiegeschichte der Dritten Welt*; vol. IV: Lateinamerika, Gütersloh, 1993, pp. 21-199 (aqui pp. 170-173 e 186s.).
- 67 Schäfer, p. 394.
- 68 Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil (nota 33), p. 70; *Mexico-Werk* (nota 2), p. 182.
- 69 Humboldt mostra tal estranheza quando, p. ex., descreve a inspeção da caverna de Caripe, povoada por pássaros Guacharo: “Os índios, em virtude da superstição, raramente ousam entrar mais para o fundo da caverna (...) Esta caverna, habitada por pássaros noturnos, é para os índios um local horrivelmente misterioso; acreditam que, bem no fundo dela, habitam as almas dos seus antepassados. Segundo eles, as pessoas devem temer locais que não são alcançados nem pelo brilho do sol, Zis, nem pelo da lua, Nuna. Ir até os Guacharos significa tanto reunir-se aos pais, morrer. É por esta razão que também os mágicos, *piaches*, e os que misturam venenos, *imorons*, praticavam suas prestidigitações noturnas na entrada da caverna, a fim de conjurar o maioral dos maus espíritos, Ivorokiamo” (Hauff/Starbatty, pp. 91s.).
- 70 Quando Humboldt menciona diversas “sagas e histórias de milagres” inacreditáveis da região acima das cataratas do Orinoco, afirma em favor dos frades: “Fariamos injustiça aos singelos missionários se crêssemos que eles próprios tivessem inventado essas lendas exageradas; antes, eles as tiraram em grande parte das histórias dos próprios índios” (Hauff/Starbatty, pp. 234s.).
- 71 Naturalmente isso também encerrava uma concessão à resistência e vontade de auto-afirmação indígenas, de cuja força Humboldt estava ciente: “Quando da nossa entrada em Calpi muitas crianças pequenas dançavam diante de nós ao som de um tambor indígena. Duas estavam fantasiadas de diabos amarelos com rabos compridos. Os índios nunca comemoram uma festa sem representar o diabo, sendo que nesta prática não seguem de forma alguma idéias cristãs, e sim suas próprias idéias, de raízes locais” (Schäfer, p. 298). Quanto à demonologia na teologia latino-americana, cf. Maximiliano SALINAS, op. cit. (nota 66), pp. 70-75. Cf. também o seguinte conflito entre tradição religiosa dos indígenas e intenções civilizatórias cristãs: “Algumas tribos, a exemplo dos Tãmanaca, têm o costume de destruir os campos dos mortos e de abater as árvores plantadas por estes. Afirnam que ver coisas que eram propriedade de seus parentes é algo que entristece! Preferem destruir a conservar as lembranças. Esta sensibilidade indígena tem efeitos muito prejudiciais para a agricultura, e os monges opõem-se com força às tradições supersticiosas conservadas nas missões pelos nativos convertidos ao cristianismo” (Hauff/Starbatty, p. 318).
- 72 Hauff/Starbatty, p. 274.

- 73 Rolf WALTER, *Los Alemanes en Venezuela*; desde Colón hasta Guzmán Blanco, Caracas, 1985, pp. 17-39; Walter GROSSHAUPT, *Bartholomäus Welser (25. Juni 1484-28. März 1561)*; Charakteristik seiner Unternehmungen in Spanien und Übersee (tese de doutorado), Graz, 1987; ID., Die Welser in der neuen Welt, in: *Deutsch-Venezolanische Studien*, München, 1987, vol. 1; ID., Die Welser als Bankiers der spanischen Krone, *Scripta Mercaturae*, 21:158-188, 1989.
- 74 Um panorama sólido proporciona o capítulo “La Evangelización en Venezuela”, in: Rodolfo R. de ROUX, ed., *Historia General de la Iglesia en America Latina*; vol. VII: Colombia y Venezuela, Salamanca, 1981, pp. 40-126. Cesáreo de Armellada aborda neste volume os povos indígenas da Venezuela quando da chegada dos espanhóis (pp. 40-50); Odilo Gómez Parente, as missões dos observantes franciscanos (pp. 51-65); Buenaventura de Carrocer, as missões dos capuchinhos (pp. 66-95); José del Rey Fajardo, as dos jesuítas (pp. 96-121) e Alberto E. Ariza, as dos dominicanos (pp. 122-126). Cf. também Mary WATERS, The Colonial Missions in Venezuela, *The Catholic Historical Review*, 23:129-152, 1937. Quanto à estadia de Humboldt nas regiões de missão venezuelanas, cf. David MUCIENTES, Humboldt y la Hospitalidad de los Misioneros, *Venezuela Misionera*, 1957, pp. 349-352 e 371-373; 1958, pp. 25-27, 42-45, 90-92, 121-125, 147-149, 183-186, 220-223, 247-249, 314s. e 345-348; 1959, pp. 25-27 e 58-60. Cit. ap. Johannes SPECKER, Alexander von Humboldt und die Missionen, *Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft*, 15:119, 1959.
- 75 Foram elas: San Fernando, “a primeira missão que pisamos na América” (Hauff/Starbatty, p. 74), San Antonio (pp. 83s.), Guanaguana (p. 84), o mosteiro Caripe (pp. 87-95), Santa Cruz/Santa María (p. 100) e Catuaro (p. 101).
- 76 A saber: San Gerónimo de Guayaval (Hauff/Starbatty, p. 194), San Fernando de Apure (pp. 194-199) e Santa Bárbara de Arichuna (p. 205).
- 77 A saber: Encaramada (ibid., pp. 211s.), Uruana (pp. 218 e 321-325), a abandonada missão de San Regis (p. 219), Carichana (pp. 228-231 e 321), San Borja (pp. 233 e 321), San Juan de Atures (pp. 235-245 e 319), San José de Maypures (pp. 255-260 e 315-319), San Fernando de Atabapo (pp. 263-265 e 314), San Baltasar (pp. 268s.), San Antonio de Yávita (pp. 270-276), Pimichín (pp. 276s.), Maroa (pp. 282s.), San Miguel de Davipe (pp. 283s.), San Carlos (p. 288), San Francisco Solano (pp. 289s.), Mandavaca (pp. 291-293), Esmeralda (pp. 299-311), Santa Bárbara (p. 314) e San Miguel de la Tortuga (p. 325).
- 78 San Buenaventura de Cari (ibid., pp. 333-338), Concepción del Pao (p. 339) e Santa Cruz de Cachipo (p. 339).
- 79 “Fomos recebidos com a maior solicitude pelos monges no albergue [Caripe]. O padre guardião não se encontrava em casa; mas tomara conhecimento de nossa partida de Cumaná e havia preparado tudo para tornar-nos agradável a estadia (...) Eu fiquei na cela do guardião, na qual se encontrava uma coleção de livros bastante considerável” (ibid., pp. 87s.). “Os dias que passamos no mosteiro dos capuchinhos nas montanhas de Caripe passaram rapidamente (...) As belezas naturais dessas montanhas prendiam totalmente nossa atenção, ao ponto de só percebermos no fim que estávamos representando um fardo para os bondosos e hospitaleiros monges. Suas reservas de vinho e pão de trigo eram escassas, e mesmo que ambos lá só sejam tidos como artigos de luxo à mesa, causou-nos muito embaraço o fato de nossos anfitriões deixarem, eles próprios, de se servir deles” (pp. 94s.).
- 80 Ibid., p. 88.
- 81 Ibid., p. 75.
- 82 Ibid., p. 84.
- 83 Ibid., p. 88.
- 84 Ibid., p. 85.
- 85 “A forma arquitetônica igual, a índole séria e calada dos habitantes, a excepcional limpeza nas casas, tudo lembra as comunidades dos irmãos moravos” (ibid., p. 74).

86 Ibid., p. 94.

87 Esta citação não procede do relato de viagem, e sim dos diários. Cf.: Margot FAAK, ed., op. cit. (nota 7), p. 157.

88 Hauff/Starbatty, p. 335.

89 Ibid., p. 337.

90 Frei José Antonio de la Torre hospedou cordialmente Humboldt e Bonpland por duas vezes em Carichana; “cuidou-se de suprir solícitamente todas as nossas necessidades; arranjou-se farinha de trigo e até leite para nós” (ibid., pp. 228 e 321). Em 24 de abril de 1800 Humboldt chegou em San Fernando de Atabapo: “Como sempre, recebemos nossa moradia no mosteiro, ou seja, na casa do missionário (Pe. Bartolomé Mancilla), que ficou extremamente surpreso com nossa inesperada visita, e, não obstante, nos recebeu com a mais amável hospitalidade” (ibid., p. 263). Em San Antonio de Yávita Humboldt encontrou-se em 1^o de maio com o Pe. Gregorio Cereso, “um monge de espírito vivo, sensato e agradável” que se lhe tornou nos dias seguintes um apreciado interlocutor sobre vários temas de antropologia e ciências naturais (ibid., pp. 270s. e 274s.). Em 7 de maio chegou-se até a “Missão San Miguel de Davipe. O missionário, padre Morillo, com o qual nos demoramos por algumas horas, recebeu-nos com muita hospitalidade, oferecendo-nos, inclusive, vinho das Ilhas Madeiras. Como luxo servido à mesa teríamos preferido pão de trigo. Com o passar do tempo, tem-se mais dificuldades de prescindir do pão do que de bebidas alcoólicas” (ibid., p. 283). Há diversos outros testemunhos. Cf. Mariano ERRASTI, *Viaje de Humboldt por las Misiones Franciscanas del Alto Orinoco*, in: —, *América Franciscana: Doctrina, Misiones y Misioneros, La Florida/Chile, 1990*, 2 vols. (aqui vol. II, pp. 493-503).

91 Hauff/Starbatty, p. 288.

92 San Fernando de Atabapo, sede do superior das missões no Orinoco (“os 26 integrantes de ordens religiosas que vivem junto aos rios Negro, Casiquiare, Atabapo, Caura e Orinoco estão subordinados a ele”) parecia mais abastado do que os povoados visitados no Orinoco até aquela data, “apesar de contar com apenas 266 habitantes. Já observei diversas vezes que as missões nas proximidades do litoral, que estão igualmente subordinadas aos observantes, costumam ter de 800 a 2 mil habitantes. Trata-se de povoados maiores e mais bonitos do que nos mais refinados países da Europa. Fomos certificados de que logo após a sua fundação a missão de San Fernando teria tido uma população maior do que a de agora” (ibid., p. 265). Era, sobretudo, em Atures que a diminuição da população saltava aos olhos: “Encontramos a pequena missão num estado extremamente deplorável. Quando da fundação da missão conviviam aqui Atures, Maypures, Meyepures, Abanis e Quirupas; ao invés destas tribos, encontramos unicamente Guahibos e algumas famílias da tribo dos Macos. Os Atures quase desapareceram por completo” (ibid., p. 235). Muito triste era também a situação em Mandavaca e nas demais missões do Casiquiare (ibid., p. 291).

93 Cf. a respeito disso as observações do padre Gili de Maypures, reproduzidas por Humboldt (ibid., p. 259).

94 Aqui também “as plantações dos índios” pareciam “estar melhor conservadas do que em outros lugares”, o que Humboldt atribuiu às atividades do missionário catalão em cuja casa residiu, “um homem alegre e amável, que aqui na selva desenvolveu inteiramente a atividade peculiar da sua etnia. Ele tinha cultivado uma bonita horta, em que se encontravam lado a lado a figueira européia e a *persea*, o limoeiro e o *mamei*. O povoado havia sido construído segundo um plano ordenado, como se vê nas comunidades dos irmãos moravos no norte da Alemanha e na América protestante” (ibid., p. 268).

95 Ibid., pp. 248-251.

96 Ibid., p. 237.

97 Cf. as exposições sobre os Guahibos na missão de San Borja (ibid., p. 233) e as descrições do missionário de Mandavaca e Vasiva no rio Casiquiare sobre os nativos desta região (ibid., p. 291).

- 98 *Ibid.*, pp. 242s. Em Maypures a diminuição da população é também flagrante, parecida com a de Atures (nota 92): de 6 mil na época dos jesuítas para menos de 60 sob a administração dos observantes (*ibid.*, p. 258).
- 99 *Ibid.*, p. 215. Deve-se considerar que, após a expulsão dos jesuítas (1767), as missões foram colocadas inicialmente sob inspeção civil e oferecidas aos capuchinhos; estes não conseguiram colocar pessoal à disposição para isso; só em 1785 vieram então os franciscanos; este longo tempo de transição havia deixado muitos danos materiais e espirituais irreparáveis. Humboldt não alude em nenhum lugar a este importante aspecto. Quanto a esta questão, cf. Mary WATTERS, *op. cit.* (nota 74), p. 138.
- 100 “Os Saliva têm grande inclinação para a música; desde os tempos mais antigos eles tocam trombetas feitas de terra queimada, cujo comprimento varia de 1,3 a 1,6 metros (...) Os jesuítas desenvolveram com êxito a inclinação natural dos Saliva para a música intrumental, e, também após a proibição da Companhia de Jesus, os missionários continuaram cultivando a bonita música eclesiástica e a instrução musical da juventude” (Hauff/Starbatty, p. 228).
- 101 *Ibid.*, p. 111. Quanto às realizações dos jesuítas no campo da educação, cf. o relato de Humboldt sobre a inspeção que fez da ex-biblioteca deles em Quito, com o que relaciona o comentário: “Antes da supressão da ordem gritou-se muito contra os jesuítas. Hoje toda pessoa de bom senso anseia pelo seu retorno” (Schäfer, p. 271).
- 102 Hauff/Starbatty, p. 338.
- 103 Schäfer, p. 162.
- 104 Hauff/Starbatty, p. 225.
- 105 Schäfer, p. 164. Humboldt refere-se aqui à plantação de cacau em San Fernando de Atabapo. Ele acusa os padres de dirigir as missões à semelhança de um monopólio e de não remunerar o sacrifício de liberdade dos índios com uma justa participação nos frutos do seu trabalho. Uma situação problemática semelhante ele analisa na missão de Santa Bárbara: “Encontramos alguns vestígios de indústria no pequeno povoado de 120 habitantes. O rendimento dela, contudo, beneficia muito pouco aos índios, e sim somente aos monges, ou, como se costuma dizer aqui na terra, à igreja e ao mosteiro” (Hauff/Starbatty, p. 314). A estas distorções nas missões dos observantes franciscanos contrapõem-se relatos de Humboldt sobre as missões dos capuchinhos entre os Chaima, nas quais transparece a concepção econômica original das reduções: “Cada família indígena cultiva fora, em frente ao povoado, além da própria horta, o ‘conuco de la comunidad’. Neste trabalham os adultos de ambos os sexos por uma hora, de manhã e de noite. Nas missões mais próximas do litoral, a horta comunitária geralmente consiste numa plantação de açúcar ou índigo, dirigida pelo missionário e cuja renda deve ser empregada exclusivamente para a conservação da igreja e aquisição de paramentos, isto quando a lei é cumprida à risca” (*ibid.*, p. 74).
- 106 “Era dever da religião levar algum consolo à humanidade pelas atrocidades que, em seu nome, foram cometidas; ela falava pelos nativos diante do tribunal dos reis, opunha-se às brutalidades dos detentores de prebendas, unia tribos itinerantes nas pequenas comunidades que se chamam missões e que favorecem o desenvolvimento da agricultura. Foi assim que se formaram paulatinamente, mas num desenvolvimento uniforme e planejado, aquelas grandes colônias monásticas, aquele curioso regime cuja tendência é sempre a de se fechar e que submete às ordens monásticas países quatro e até cinco vezes maiores do que a França” (*ibid.*, p. 68).
- 107 Em outra parte, Humboldt descreve da seguinte maneira o efeito ambivalente das missões: “É mérito do regime das missões que o nativo acabe se afeiçoando à terra, se acostumando com um domicílio fixo, aprendendo a gostar de uma vida pacata e pacífica. Entretanto, elas restringiram a liberdade dos nativos, mas quase em toda parte provocaram um aumento da população, coisa impossível na vida nômade dos índios independentes” (*ibid.*, p. 106).

108 Ibid., pp. 68s.

109 Ibid., p. 215.

110 Deve-se considerar também que Humboldt não mais chegou a conhecer os jesuítas, os mais importantes portadores do sistema missionário. Além disso, sua imagem da Companhia de Jesus não deixou de ser afetada pela campanha que antecedeu a supressão dos jesuítas. Ele afirma que, no passado, os jesuítas no Orinoco teriam, através de “entradas” bélicas, recrutado à força índios para suas missões segundo a divisa: “A voz do evangelho (...) só é apreendida onde os índios ouviram o estouro de pólvora”, e reporta-se para tanto às “cartas edificantes” de 1757 (Hauff/Starbatty, pp. 227s.). Cf. ainda Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil (nota 33), p. 107; *Mexico-Werk* (nota 2), pp. 217s. Humboldt tirou esta citação das “Cartas edificantes” na biblioteca do mosteiro de Caripe, bem no início de sua viagem: *Cartas Edificantes de la Compañía de Jesús, Traducidas del Idioma Francés por el Padre Diego Davín*, vols. 1-16, Madrid, 1753/57 (aqui vol. 16, p. 92). Cf. a comprovação por Margot FAAK, ed., op. cit. (nota 7), p. 293 (com nota 4). No mosteiro de Caripe Humboldt fez também anotações da obra daquele que chamava de “Voltaire e Bacon dos espanhóis”, Pe. Benito Gerónimo Feijóo y Montenegro OSB, intitulada *Teatro Crítico Universal*, publicada de 1726 a 1740 em oito volumes; em Caripe Humboldt tinha em mãos uma edição da obra de 1773.

111 Margot FAAK, ed., op. cit. (nota 7), p. 145; Schäfer, p. 166.

112 Hauff/Starbatty, p. 245.

113 Humboldt e Bonpland encontraram-se com Bernardo Zea em Pararuma: “(...) o missionário de Atures e Maypures, nas grandes cataratas, padre Bernardo Zea, ofereceu-se para acompanhar-nos até a divisa com o Brasil, mesmo encontrando-se enfermo” (Hauff/Starbatty, p. 220). O Pe. Zea padecia de malária, sendo que Humboldt menciona várias vezes os acessos de febre (ibid., pp. 254, 260 e 319). Na viagem de regresso o Pe. Zea permaneceu em Atures, “depois de ter sido nosso acompanhante por dois meses e ter compartilhado conosco todas as dificuldades” (ibid., p. 319). O Pe. Zea era natural de Valência. Em 1785 foi para a missão na Venezuela. Inicialmente atuou por dois anos em Pariaguán; a seguir assumiu San Juan de Atures e San José de Maypures. Faleceu em 1807 no convento de Nueva Barcelona. Cf. Mariano ERRASTI, op. cit. (nota 90), p. 502.

114 Hauff/Starbatty, p. 289s.

115 Ramón Bueno, nascido mais ou menos em 1763, provavelmente em Alcalá de Henares, entrou na Ordem dos Franciscanos antes de 1785; estudou em Sigüenza e foi em 1786 para a Venezuela, onde atuou até 1795 em San Francisco de Aripao no rio Caura e, de 1795 a 1804, em Uruana ou La Urbana no Orinoco. Seu paradeiro posterior e o ano de sua morte são desconhecidos. Humboldt comenta a respeito disso no dia da despedida, 7 de junho de 1800: “Ele esperava poder retornar logo a Madri e divulgar o resultado de suas pesquisas sobre as imagens e traços sobre as rochas em Uruana” (ibid., p. 325). Cf. Fidel de LEJARZA, *Vida y Escritos de Fr. Ramón Bueno OFM*, in: ID., ed., *Historiadores Franciscanos de Venezuela*; *Conversión de Píritu del P. Matías Ruiz Blanco OFM y Tratado Histórico del P. Ramón Bueno OFM*, Caracas, 1965, pp. CXXXIII-CXCV (Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia; Fuentes para la Historia Colonial de Venezuela, 78).

116 Hauff/Starbatty, p. 325. Na p. 322, Humboldt relata sobre os Otomacos que viviam na missão e o seu curioso comportamento fisiológico, a geofagia: “Só comunico aqui o que vimos com os nossos próprios olhos ou ouvimos da boca do missionário, que foi condenado por um mau destino a viver por 12 anos entre o povo selvagem e intranquilo dos Otomacos.”

117 Editado por Nicolás E. NAVARRO (Caracas, 1933), bem como por Fidel de LEJARZA no volume citado na nota 115, pp. 95-187.

118 Hauff/Starbatty, p. 342.

- 119 A experiência de Humboldt foi confirmada várias vezes pela historiografia eclesiástica latino-americana mais recente: John Tate LANNING, *The Eighteenth-Century Enlightenment in the University of San Carlos de Guatemala*, Ithaca, 1956; Guillermo Lohmann VILLENA, Religion and Culture in Spanish America, *The Americas*, 14:183-198, 1958; Karl M. SCHMITT, The Clergy and the Enlightenment in Latin America; an Analysis, *The Americas*, 15:381-391, 1959 (aqui, p. 381): "(...) as histórias mais gerais da América Latina assumem freqüentemente a posição, implícita, quando não explícita, de que o clero católico, monolítico em seu obscurantismo, constituiu o maior obstáculo para a completa vitória de idéias 'iluministas'. Parece-me que este ponto de vista é um tanto inapropriado." Ibid., p. 390: "Devemos concluir, obviamente, que o papel desempenhado pelo clero no iluminismo latino-americano foi grande, sendo que as diferenças de área para área são mais de grau e ênfase do que propriamente de espécie"; Mario GÓNGORA, Aspectos de la Ilustración Católica en el Pensamiento y la Vida Eclesiástica Chilena 1770-1814, *Historia*, 8:43-73, 1969; Carlos RINCÓN, Die Aufklärung im spanischen Amerika, in: Werner KRAUSS, *Die Aufklärung in Spanien, Portugal und Lateinamerika: Aufklärung und Literatur*, München, 1973, vol. 4, pp. 213-235; Hans-Jürgen PRIEN, Die Aufklärung in Lateinamerika, in: —, *Die Geschichte des Christentums in Lateinamerika*, Göttingen, 1978, pp. 327-367 (bibl.); Ekkehart KEEDING, Das Zeitalter der Aufklärung in der Provinz Quito, in: *Lateinamerikanische Forschungen*; Beihefte zum Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas, Köln/Wien, 1983, vol. 12; Horst PIETSCHMANN, Die "Sociedades Económicas de Amigos del País" und die Wissenschaften in Spanien und Hispanoamerika im Zeitalter der Aufklärung, in: *La Secularización de la Cultura Española en el Siglo de las Luces*; Actas del Congreso de Wolfenbüttel Editadas por Manfred Tietz en Colaboración con Dietrich Briesemeister, Wiesbaden, 1992, pp. 151-167 (aqui pp. 162s.) (Wolfenbütteler Forschungen, 53); David A. BRADING, El Jansenismo Español y la Caída de la Monarquía Católica en México, in: Josefina Zoraida VÁZQUEZ, ed., *Interpretaciones del Siglo XVIII Mexicano*; el Impacto de las Reformas Borbónicas, México, 1992, pp. 187-215 (bibl.).
- 120 Hauff/Starbatty, p. 37.
- 121 Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil (nota 33), p. 69; *Mexico-Werk* (nota 2), p. 181.
- 122 Hauff/Starbatty, p. 237. Cf. *ibid.*, p. 37.
- 123 Schäfer, p. 366.
- 124 Hauff/Starbatty, p. 44.
- 125 Adolph KOHUT, Alexander von Humboldts Glaubens- und Humanitäts-Ideal, *Ethische Kultur*; Wochenzeitschrift zur Verbreitung ethischer Bestrebungen, Berlin, 17:66-68, 1909; Manfred KOS-SOK, Alexander von Humboldt — Ideen zur Emanzipation Lateinamerikas, in: Wolfgang GREI-VE, ed., op. cit. (nota 2), pp. 137-152; Horacio CERUTTI-GOLDBERG, Ein Gemälde grossen Elends — Alexander von Humboldt und die Dritte Welt, in: *ibid.*, pp. 153-167.
- 126 Cf., p. ex., Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil (nota 33), pp. 81-87; *Mexico-Werk* (nota 2), pp. 191-197. Humboldt adere aqui a um memorial que o bispo Antonio de San Miguel e o cabido de Michoacán "entregaram ao rei, e que defende as posições mais sábias e as idéias mais liberais" (cf. acima notas 32 e 35). Cf. também Ursula GOETZL, *Alexander von Humboldt als Geschichtsschreiber Amerikas* (tese de doutorado), München, 1966, pp. 96-123; Ursula THIEMER-SACHSE, Alexander von Humboldt, die Ureinwohner Amerikas und das Problem des weltweiten Vergleichs, in: Michael ZEUSKE & Bernd SCHRÖTER, eds., op. cit. (nota 2), pp. 38-48.
- 127 A mais importante fonte a este respeito é o 28º capítulo do relato de viagem, publicado também separadamente em Paris em 1826 sob o título *Essai politique sur l'île de Cuba*; em alemão: Alexander von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand der Insel Cuba = Gesammelte Werke von Alexander von Humboldt*, Stuttgart, 1889, vol. 12; nova edição: nota 2. Excertos

- em Schäfer, pp. 182-201 (aqui, pp. 186-194). O manuscrito de Manfred Kossok intitulado “Alexander von Humboldt über die Sklaverei”, que não chegou a ser publicado, encontra-se entre as obras póstumas deste cientista, falecido em 27 de fevereiro de 1993. — Quando soube da renovada permissão da escravidão dada pela França, a reação de Humboldt foi de profunda consternação pela recaída do país outrora revolucionário; em fevereiro de 1803 ele anota em seu diário pensamentos a respeito de como a humanidade poderia superar a escravidão, e pergunta, entre outras coisas: “Por que não se invoca a autoridade do papa para os países católicos?” (Schäfer, p. 353.)
- 128 Manfred KOSSOK, Alexander von Humboldt als Geschichtsschreiber Lateinamerikas, in: Michael ZEUSKE & Bernd SCHRÖTER, eds., op. cit. (nota 2), pp. 18-31 (aqui p. 29): “O ideal de progresso de Humboldt era de maneira inequívoca o modelo civilizatório europeu, independentemente de sua ambivalência; ele também defendia uma idéia de progresso em grande parte teleológica. A perspectiva do individualismo europeu também condicionou sua avaliação histórica das antigas culturas da América.”
- 129 ID., *ibid.*, p. 26: “Para ele [= Humboldt] o ‘principal resultado’ de seu grande trabalho consistia na percepção de que a felicidade dos brancos está intimamente relacionada com a da raça cor de cobre e de que nas duas (!) Américas não haveria felicidade duradoura até que esta raça — humilhada, sim, pela prolongada opressão, mas não degradada — participasse de todas as vantagens advindas dos progressos da civilização e dos aperfeiçoamentos da ordem social. A independência fracassou nesta tarefa. A afirmação profética de Humboldt ainda não se cumpriu até o presente.”
- 130 Humboldt está consciente dos dois lados da história da missão, da “fúria cristã sedenta de sangue” (Schäfer, p. 342) de um Vicente de Valverde (*ibid.*, p. 231), de um García de Santa María (*ibid.*, p. 393) e de muitos outros padres (*ibid.*, p. 231), mas também dos grandes méritos humanitários e civilizatórios de um Vasco de Quiroga (*Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; erster Teil [nota 33], p. 218; falta na nova edição [nota 2], omissão na p. 321), de um Francisco Manzo y Zúñiga (*ibid.*, p. 178; *Mexico-Werk* [nota 2], p. 299) e de incontáveis outros (*Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neuspanien*; zweiter Teil, pp. 65s.; falta na nova edição [nota 2], omissão na p. 377; e 129; *Mexico-Werk* [nota 2], pp. 418s.).
- 131 Comovedores em sua humanidade são o encontro e diálogo de Humboldt com um jovem de 17 anos, descendente de ancestrais incas, em Cajamarca (Schäfer, pp. 332s.).
- 132 Hauff/Starbatty, p. 44.
- 133 Peter EICHER, Die Anerkennung der Anderen und die Option für die Armen, in: ID. & Norbert METTE, eds., *Auf der Seite der Unterdrückten?*; Theologie der Befreiung im Kontext Europas, Düsseldorf, 1989, pp. 10-53, aqui p. 10: “O *mais simples* é julgar tudo o que é estranho de acordo com os próprios critérios e subjogá-lo a estes. Desta forma os outros, que são estranhos, permanecem exteriores à autocompreensão e, como objetos, tornam-se domináveis. *Mais difícil* é permitir a luta pelo reconhecimento mútuo e conhecer o que é próprio a partir daquilo que é estranho. Pois antes deste reconhecimento os outros se posicionam criticamente para com a vontade de dominação daqueles que os desconhecem e, na luta pelo seu reconhecimento, limitam o egoísmo deles. *O mais difícil* será, contudo, que ambos se liberem mutuamente e deixem um ao outro existir a partir do reconhecimento recíproco. Nesta anuência a uma dependência mútua, o modo de vida dos outros deixará de ser estranho. Mas é só dentro de tal concessão recíproca de vida que também seria possível a verdadeira consciência da dignidade própria de ambos.”
- 134 Veja supra nota 3.
- 135 Hauff/Starbatty, p. 253.
- 136 Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), professor de Anatomia, Zoologia e Antropologia em Göttingen. Cf. seu estudo *Decas quinta Collectionis suae craniorum diversarum gentium illustra-*

ta; 25. August 1806, in: *Commentationes Societatis regiae scientiarum Gottingensis ad A. 1804-08*, Göttingen, 1808, vol. 16, pp. 199-216 (aqui pp. 210s.).

- 137 Hauff/Starbatty, pp. 316s. Em discussão com idéias de Egon Erwin Kisch, Hans Magnus Enzensberger e outros, Ottmar Ette chamou a atenção para os elementos conquistadores no pensamento de Humboldt que vão além do aspecto meramente descobridor, mas o protegeu simultaneamente contra a acusação de que ele teria preparado o caminho para a pilhagem econômica da América Latina no século XIX. Cf. Ottmar ETTE, "Unser Weiteroberer": Alexander von Humboldt, der zweite Entdecker, und die zweite Eroberung Amerikas, in: *Amerika 1492-1992: Neue Welten — Neue Wirklichkeiten; Essays*, herausgegeben vom Ibero-Amerikanischen Institut Preussischer Kulturbesitz und Museum für Völkerkunde; Staatliche Museen zu Berlin, Braunschweig, 1992, pp. 130-139.

Johannes Meier
Neustr. 11
D 44787 Bochum
Alemanha

(Tradução: Uwe Wegner;
revisão: Luís M. Sander)